

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**FRANCIEL TUPAN DA ROSA**

**DEBATE I – THOMPSON-ANDERSON: DISPUTAS ENTRE NARRATIVAS  
HISTÓRICAS E PELA PRÁTICA INTELLECTUAL**

**CRICIÚMA**

**2017**

**FRANCIEL TUPAN DA ROSA**

**DEBATE I – THOMPSON-ANDERSON: DISPUTAS ENTRE NARRATIVAS  
HISTÓRICAS E PELA PRÁTICA INTELLECTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Antônio Antunes Soares

**CRICIÚMA**

**2017**

**FRANCIEL TUPAN DA ROSA**

**DEBATE I – THOMPSON-ANDERSON: DISPUTAS ENTRE NARRATIVAS  
HISTÓRICAS E PELA PRÁTICA INTELLECTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Cultura Política, Trabalho e Relações de Poder.

Criciúma, 28 de Novembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Fabrício Antônio Antunes Soares - Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. João Henrique Zanelatto - Doutor - (UNESC)

Prof. Michele Gonçalves Cardoso - Mestre - (UNESC)

**À minha família, amigos, ao movimento  
estudantil e a esquerda! E também a minha  
companheira inseparável.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe Joana, sem dúvida este trabalho não existiria no labor e amor em lutar por nós e nossa família, e acima de tudo pela inspiração. Aos meus irmãos Jackson e Shainon e minha irmã Stéfani, que tive e tenho tido a oportunidade de aprender sobre a vida e o amor fraternal.

Aos amigos agradecerei por geração: ao Mauro Átila Miranda, Fabricio Silvano, Willian Monteiro, Douglas Serafim, Jhonatan Nazário, agradeço pela infância e adolescência, das diversas brincadeiras às bebedeiras, assim como pelo que representou aquele período; A galera do movimento hard-core-punk de Içara pela musicalidade e pela apreciação de um bom velho barreiro; Ao período da Arqueologia, agradeço com muito carinho ao professor Juliano Campos, Diego Moser, Josiel dos Santos, Hérom de Cezaro, Jéssica Ramos, Raquel Back, Giovana Pereira, Jadson Picci Cerezer, Diego Pavei, Marcos Cesar Pereira dos Santos, Richard Vieira Ronconi, e outras tantas pessoas;

Às pessoas incríveis que convivi demasiadamente pouco, mas que apareceram na minha vida e marcaram meus dias fazendo destes momentos incríveis: Hadda Biagione, Guilherme Antunes, Frederico Oliveira, e outras mais.

Também preciso agradecer ao movimento estudantil, pois de todas as experiências, esta é indelével – me marcou profundamente. Desde as lutas pela educação básica estadual de 2012 até o presente momento. A trajetória que percorri não foi sozinha, e jamais será. Das jornadas de junho em que pude conhecer Vinicius Monteiro, Andriw Loch, Ketellín Dagostin, e outros tantos mais, e que continuaram por um longo tempo nessa caminhada, a vocês agradeço pelos memoráveis dias. Foi no decorrer de 2014 á 2016 que constituí muitas dessas amizades: Vinicius, Andriw, Rafael Starling, Dani Rigo, Manu Caciatori, Giovana Mondardo, Felipe Pais, Lucene Magnus, Luccas Gonçalves, Iolanda Peres, Alessandra Barbosa, Paola Soccas, Gabriel Olavio Viera, Djonata Zanette, Luis Otávio Feltrin, João Mauricio Mattos, e outros tantos mais.

À UNESC, nos nomes do Gildo Volpato, Luciane Ceretta, Daniel Preve, Juliano Campos e outros tantos professores que deram muito apoio no movimento estudantil e dos quais pude ter conversas serenas e construtivas.

Agradeço ao Curso de História, nos nomes do Tiago Coelho, Michele Gonçalves, Fabrício Soares, Ismael Alves, e eterno o professor Miranda.

Agradeço de forma especial ao Professor Fabrício Soares, que mesmo devido a todas as circunstâncias aceitou me orientar e encarar esse ambicioso desafio, sem dúvidas não seria possível sem sua grande contribuição e orientação.

Agradeço a União da Juventude Socialista e a todos camaradas que com muita luta constroem o movimento estudantil consequente, jamais se furtando de travar as batalhas mais difíceis, aquelas que são no interior da esquerda.

Agradeço ao Partido Comunista do Brasil nos nomes do Lucas Casagrande, Douglas Mattos e demais camaradas que oportunizaram uma experiência única.

Por fim, agradeço a você Suzel e ao Geraldo, principalmente pelo último ano, e pela vida, mas no último período fizeram mais do que salvar minha vida inúmeras vezes, possibilitaram momentos únicos que transformaram e transformaram minha maneira de pensar e ver as coisas, e a vocês dois muito obrigado.

Enfim, e de forma muito especial um breve agradecimento a ela, pois num dos períodos mais difíceis da minha vida pude tê-la ao meu lado. A ela meu amor incondicional e mutável, que transcenderá o tempo e se transformará em tantas coisas. A você muito obrigado por ter me recebido, ter me amado, e ter dividido mais do que sua casa – seu gigantesco coração que me abrigou pelo tempo que coube. A todos aqueles dias memoráveis meus sinceros olhos ao infinito da intensidade do que vivemos. Obrigado, Eliz.

A todos vocês que participaram da minha vida até o presente momento meu abraço fraterno e quente no respeito a nossas histórias.

**“Nem a Esquerda nem o Marxismo podem algum dia pertencer a um grupo de pessoas que ergue cercas e placas de propriedade, só podem pertencer a todos aqueles que escolhem permanecer em tal ‘terreno’ e que se misturam com o trabalho.”**

**E. P. THOMPSON**

## RESUMO

Na presente monografia desenvolve-se um estudo sobre as disputas entre narrativas e pela prática intelectual entre E. P. Thompson e P. Anderson compreendidas nos quatro textos que compõem o primeiro debate no interior da *New Left* britânica: *Origins of the present crisis*; *The peculiarities of the English*; *Socialism and pseudo-empiricism*; e *A note on the texts*. Por se tratar do tema história da historiografia marxista britânica, uso como metodologia-teórica os textos: *A Operação Historiográfica* de M. Certeau e *Os Conceitos* de A. Prost. No primeiro momento apresento o contexto dessa controvérsia, e no segundo faço uma apresentação das produções dos artigos dos dois historiadores ingleses. E nesta perspectiva de estudo e análise busco compreender as disputas entre narrativa e pela prática intelectual desse debate de caráter historiográfico-político.

**Palavras-chave:** Disputa entre narrativa, New Left, Thompson-Anderson, Historiografia britânica, Marxismo.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 HISTORIOGRAFIA MARXISTA INGLESA: INTRODUÇÃO AO DEBATE THOMPSON-ANDERSON.....</b>	<b>17</b>
2.1 SOBRE OS DOIS HISTORIADORES BRITÂNICOS .....	17
2.2 CRISE NO MARXISMO BRITÂNICO: DO PCGB Á NEW LEFT .....	19
2.3 A POLÊMICA THOMPSON-ANDERSON: NO INTERIOR DA <i>NEW LEFT</i> BRITÂNICA .....	23
<b>3 DEBATE I - THOMPSON-ANDERSON: DISPUTAS ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E PELA PRÁTICA INTELECTUAL.....</b>	<b>33</b>
3.1 ORIGINS OF THE PRESENT CRISIS (1964).....	33
3.2 THE PECULIARITIES OF ENGLISH (1965) .....	45
3.3 SOCIALISM AND PSEUDO-EMPIRICISM (1966) .....	66
3.4 A NOTE ON THE TEXTS .....	70
3.5 A PRÁTICA, SEU DISCURSO E SUA RELAÇÃO .....	72
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As disputas entre narrativas históricas são recorrentes na maioria das produções historiográficas, e neste sentido deve ser também compreendida como uma disputa política e ideológica. Oras, se o conhecimento se constitui em um dos seus elementos de forma ideológica, e quem o discursa se situa em um determinado espaço na sociedade, logo torna sua produção indissociável do seu referencial de pensamento. Desta maneira se compreendermos no campo da história as disputas entre narrativas, disputa entre exploradores e explorados, e também compreendidas de formas não polarizadas nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. Podemos assim perceber a partir desta concepção a disputa por uma narrativa engendradora do discurso legitimador das práticas culturais, nesta perspectiva entende-se que quem o faz busca significar suas ações.

Esta monografia em seu escopo trata de fazer um estudo sobre a história da historiografia britânica, mais precisamente no debate de E.P. Thompson e P. Anderson, visto que há entre esses dois historiadores uma disputa pela narrativa histórica (DALAQUA, 2009), assim como pela prática intelectual, vista por Thompson como prática política. Estes dois autores desenvolvem um debate polêmico no interior da *New Left* britânica, porém antes de situar essa polêmica é necessário trazer algumas questões importantes à baila.

Tal tema “história da historiografia” suscita pertinentes reflexões, porém para entender isto, precisamos perpassar pela compreensão de “história” e de “historiografia”, e como estes conceitos estão diretamente imbricados, muito embora não ambiciono realizar uma abordagem profunda dos dois conceitos. Destarte, quando expresso que pretendo fazer uma história da historiografia, situo meu objeto de estudo que são os textos que compõe o primeiro debate Thompson-Anderson, isto é, a partir da produção intelectual de suas elaborações e interpretações acerca do conhecimento histórico. Oras, se pretendo realizar tal estudo, torno tácita a necessidade de situar a metodologia-teórica que delineará minha análise, sendo esta compreendida nos textos “A Operação Historiográfica” de Michel de Certeau (1982), e “Os conceitos” de Antoine Prost (2008).

Em “A Operação Historiográfica”, encontro a base que dará suporte ao estudo dessa monografia, nesse texto em questão, Certeau (1982, p.65) emprega a palavra “história” no sentido de “historiografia”, assim como compreende esta como

“uma prática (uma disciplina), seu resultado (um discurso) e sua relação”. O autor inicia fazendo indagações a respeito do historiador e sua relação com o lugar de sua prática. Assim, busca-se perceber as relações entre o produto e os lugares de produção, entender as particularidades – estas indelévels, do lugar de onde vem o discurso e do âmbito em que acontece essa prática, pois “(...) em história, todo sistema de pensamento está referido a "lugares" sociais, econômicos, culturais” (1982, p.66). De todo modo, Certeau (1982) coloca que compreender a historiografia no *locus* desta operação é entender sua relação estabelecida entre o lugar e seus procedimentos analíticos para a elaboração do texto, portanto a operação se “refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita” (1982, p.66). À vista disso,

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. (1982, p.66)

E que neste sentido, tal particularidade indelével – o lugar, implica na pesquisa, nos métodos e interesses, afetações estas que delineiam a organização e escolhas dos documentos e das questões, isto é nas relações estabelecidas com o objeto de investigação. Logo para Certeau, “a escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas”. Assim, este lugar se estabelece numa localização social, na instituição do saber<sup>1</sup>, e também como no grupo/coletivo de historiadores<sup>2</sup>, estes são os lugares os quais o discurso historiográfico se organiza, e esse lugar social definirá o que poderá ou não ser feito. Assim, como as regras do lugar, estas não-ditas<sup>3</sup>, das quais que sustentam o discurso que é de um grupo, pois o conhecimento científico se constrói a partir

---

<sup>1</sup> A isto o autor que “este lugar deixado em branco ou escondido pela análise que exorbitou a relação de um sujeito individual com seu objeto, é uma instituição do saber” (1982, p.69).

<sup>2</sup> Esse lugar também está estabelecido pela coletividade que credita o trabalho desenvolvido como historiográfico, assim, Certeau (1982, p.72) coloca: “Existem as leis do meio. Elas circunscvem possibilidades cujo conteúdo varia, mas cujas imposições permanecem as mesmas. Elas organizam uma "polícia" do trabalho. Não "recebido" pelo grupo, o livro cairá na categoria de "vulgarização" que, considerada com maior ou menor simpatia, não poderia definir um estudo como "historiográfico”.

<sup>3</sup> Quando Certeau (1982, p.71) refere-se: “Entre muitos outros, estes traços remetem o "estatuto de uma ciência" a uma situação social que é o seu não-dito. É, pois, impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente”.

deste, e não do sujeito de forma individual.

E se para Certeau a historiografia é compreendida por um lugar, este acima citado e discutido, também é pela prática, e sobre essa o autor expressa que de modo geral cabe ao historiador nesta prática a articulação entre o natural e o cultural, assim como a escolha de suas fontes.

Suas técnicas o situam, precisamente, nesta articulação. Colocando-se ao nível desta prática, não mais se encontra a dicotomia que opõe o natural ao social, mas a conexão entre uma socialização da natureza e uma "naturalização" (ou materialização) das relações sociais. (1982, p.79)

Pois para o autor "fazer história é uma prática", e é nessa articulação que o historiador organiza seus materiais afim de historicizar, e assim desenvolver suas interpretações e produções, transformando-os em cultura.

Mas o historiador não se contenta em traduzir de uma linguagem cultural para outra, quer dizer, produções sociais em objetos de história. Ele pode transformar em cultura os elementos que extrai de campos naturais. Desde a sua documentação (onde ele introduz pedras, sons, etc.) até o seu livro (onde plantas, micróbios, geleiras, adquirem o estatuto de objetos simbólicos), ele procede a um deslocamento da articulação natureza/cultura. (1982, p.80)

Logo, se historiografia se situa em um lugar e sua prática, isto ocorre pelas suas técnicas de produção, e é nesse lugar entre o natural e cultural que se desenvolve sua pesquisa, e de modo que isso envolve o estabelecimento de suas fontes, como os próprios modelos interpretativos. E quando Certeau (1982, p.90) coloca que "a estratégia da prática histórica implica um estatuto da história", este remete a corrente historiográfica ao qual o historiador esta situado, e é nesta perspectiva que se acentua o horizonte de sua prática investigadora.

E se a prática investigadora pode ser vista de forma "interminável", ou melhor, ela se estabelece em modelos exploratórios e que não se esgota as possibilidades de estudo, no entanto a escrita vai se estabelecer e se organizar a partir desse inverso, portanto:

A escrita consistiria em "elaborar um fim". Na verdade ela não é nada disto desde que haja discurso histórico. Ela impõe regras que, evidentemente, não são iguais às da prática, mas diferentes e complementares, as regras de um texto que organiza lugares em vista de uma produção. (1982, p.105)

De todo modo é na escrita que se encara esta operação, assim se faz passar da prática investigadora à elaboração da escrita, isto é nos seus conjuntos de elementos textuais, organizados a partir de suas regras estabelecidas no seu lugar social.

Com efeito, a escrita histórica compõe, com um conjunto coerente de grandes unidades, uma estrutura análoga à arquitetura de lugares e de personagens numa tragédia. Mas o sistema dessa encenação é o espaço onde o movimento da documentação, quer dizer, das pequenas unidades, semeia a desordem nesta ordem, escapa às divisões estabelecidas e opera uma lenta erosão dos conceitos organizadores. Em termos aproximativos, poder-se-ia dizer que o texto é o lugar onde se efetua um trabalho do "conteúdo" sobre a "forma". (1982, p.105)

Destarte, é na escrita que se finca o lugar do discurso histórico, assim como a delimitação espacial e cronológica. Certeau, ao discutir a "escrita" em seu texto, compreende a escrita história estabelecida pelas práticas, entendendo esta como uma prática social. "O que é que o historiador fabrica quando se torna escritor? Seu próprio discurso deve revelá-lo" (1982, p.105).

De todo modo, a operação historiográfica possibilita compreender o que o historiador "fabrica" ao "fazer" história, assim Certeau oferece suportes para compreender a escrita da história, explorando desde os lugares às práticas dessa escrita, e como também a própria escrita, seja em discurso narrativo aos seus signos como seus conceitos presentes no texto.

Para a análises de conceitos, como antes citado, utilizo Prost (2008). O autor aborda o uso deste e suas acepções, compreendendo a interpretação e a comunicação destes na escrita. Assim, ao desenvolver seu estudo busca em Koselleck a discussão em que este compreende que dentro da historiografia os conceitos se encontram em dois níveis: seja o que se encontra/desenvolve em sua contemporaneidade; ou aqueles advindos das fontes históricas.

Toda a historiografia se movimenta em dois níveis: ela analisa fatos já mencionados anteriormente ou, então, reconstrói fatos, ainda não manifestados na linguagem, com a ajuda de determinados métodos e indícios que, de algum modo, os haviam "preparado". No primeiro caso, os conceitos herdados da tradição servem de elementos heurísticos para apreender a realidade do passado; no segundo, a história apóia-se em categorias acabadas e definidas ex post que não estão contidas nas fontes. É assim, por exemplo, que se recorre a dados da teoria econômica para analisar o capitalismo nascente com categorias que, na época, eram desconhecidas; ou, então, são desenvolvidos teoremas políticos a serem aplicados a situações constitucionais do passado, sem que por isso o

pesquisador se sinta obrigado a escrever uma história sob o modo optativo. (KOSELLECK, 1990, p. 115, apud, PROST, 2008, p.116)

No entanto, Prost coloca, que, estes conceitos/palavras que são de sua própria época, elaborados na contemporaneidade do discurso historiográfico, podem implicar em problemas, mais especificadamente anacronismo, isto porque ao usar um conceito como “indústria” fora da temporalidade do passado que o compreende é impor a esse passado relações sociais e mentalidades que não são deste período.

Prost exemplifica o uso do conceito, assim este exemplifica com “a crise econômica do antigo regime”. Prost diz que esta palavra/conceito “crise” é emprestada de outra área, logo percebe aí a interdisciplinaridade da história ao se apropriar da palavra para constituir um conceito ao localizar-se no texto. Assim, ao vincular crise à questão econômica no antigo regime, compreende-se nestes conceitos um discurso que remete a uma temporalidade e eventos desse período, que, no entanto, quem viveu no “antigo regime” não cunhou tal conceito, assim como não caracterizou as conturbações vivenciadas como crise. Desta maneira, os usos dos conceitos exigem historicidade, instrumentos que possibilitam ao historiador organizar a realidade, assim como o passado, compreendendo suas peculiaridades e significações.

Portanto, é a partir destes suportes metodológicos, que realizo<sup>4</sup> o estudo da historiografia marxista britânica no recorte dos textos<sup>5</sup> que compreendem o primeiro debate de E.P. Thompson e P. Anderson, que ocorre no interior da *New Left* britânica, que são: *Origins of the present crisis*, publicado por Anderson em 1964, e em 1965 Thompson responde com *The peculiarities of the English*, Anderson publica *Socialism and pseudo-empiricism* em 1966 e outro de Thompson *A note on the texts* em 1978.

Esse debate se contextualiza num período do qual o marxismo europeu ocidental encontrava-se em crise, e que diversos historiadores e intelectuais debruçam a reinterpretar o marxismo. Desta maneira, no ano de 1956 ocorrem

---

<sup>4</sup> Os dois artigos de P. Anderson são analisado em inglês, visto que ainda não há tradução, e os dois de Thompson são analisados em português na versão publicada em 2001 conforme estão nas referências desta monografia.

<sup>5</sup> De acordo com Soares, “O primeiro debate se compõe dos seguintes textos, por ordem de aparecimento: ANDERSON, Perry. *Origins of the present crisis*. In: *New left review*, I/23, January-February. 1964. THOMPSON, E. P. *The peculiarities of English*: In: *The poverty of theory and other essays*. New York: Monthly review press, 2008. ANDERSON, Perry. *Socialism and pseud-empiricism*. In: *New left review*, I/35, March-April, 1965. THOMPSON, E. P. *A note on the texts*. In: *The poverty of theory and other essays*. New York: Monthly review press, 2008”.

eventos que afetam os intelectuais do período: a crise do stalinismo e a invasão da Hungria pelas tropas soviéticas. A partir disso, historiadores e intelectuais britânicos organizaram-se num movimento conhecido como *New Left*, tornando-se este um centro do movimento de debate político e intelectual do período. Estes dois historiadores são de gerações diferentes, e esse conflito de gerações é de certo modo o “tempero” deste debate, assim há uma disputa pela narrativa e pela prática intelectual aparente em suas produções nesse primeiro debate.

De todo modo, esta monografia surge a partir dos estudos já realizados por Soares<sup>6</sup>, e visa compreender as diferenças historiográficas, teóricas e políticas entre Thompson e Anderson, para situá-los nos dois debates. Destarte, divido-a em dois capítulos, acercando no primeiro uma introdução e contextualização do debate entre esses historiadores, e no segundo realizo a análise dos artigos que compreendem esse primeiro debate.

---

<sup>6</sup> Ver em: SOARES, Fabrício Antônio Antunes. A construção narrativa dos conceitos de estrutura e sujeito na obra *A Miséria da Teoria* de E. P. Thompson. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

## 2 HISTORIOGRAFIA MARXISTA INGLESA: INTRODUÇÃO AO DEBATE THOMPSON-ANDERSON

Neste primeiro capítulo contextualizo o período em que ocorre o primeiro debate entre os dois historiadores britânicos, visto que há a tácita necessidade de situá-los no período histórico de suas produções e o seu “lugar social” (CERTEAU, 1982). Pois o historiador é um ser que vive, pensa, fala, influencia e escreve “a partir de relações sociais, culturais, políticas, econômicas, linguísticas” (ALVES, 2013), e que neste sentido é também influenciado por estas, portanto é imprescindível identificar os aspectos contextuais dessas produções historiográficas a fim de compreendê-las.

Entretanto, tratei de forma sucinta as vicissitudes desses historiadores e o contexto de suas produções que servem de objeto de análise do presente estudo, haja vista que cada tópico é suficientemente complexo para ser estudado de forma separada. Assim, situo os dois autores fazendo uma breve apresentação biográfica, logo depois estabeleço-os no período que compreende a crise<sup>7</sup> do marxismo europeu ocidental e a dissidência do grupo de historiadores do PCGB a formação da primeira *New Left*, e finalizo apresentando a polêmica historiográfica no interior da *New Left Review*.

### 2.1 SOBRE OS DOIS HISTORIADORES BRITÂNICOS

Tanto Thompson quanto Anderson são grandes historiadores que em sua trajetória social entrelaçam a militância política ao debate intelectual, tendo estes protagonizado uma polêmica historiográfica que é o objeto do presente estudo. Destarte, se faz de forma necessária e imprescindível situa-los dentro da historiografia, assim neste subcapítulo apresento os dois autores de forma bastante breve.

Entre os historiadores mais influentes do século XX, E.P. Thompson publicou grandes obras como: *A formação da Classe Operária* (1963); *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros* (1978); e outros tantos artigos e livros também de grandes contribuições.

---

<sup>7</sup> Os acontecimentos de 1956: as revelações dos crimes de Stalin, e invasão soviética na Hungria.



Os esforços de Thompson para reexaminar a teoria marxista de classe em termos culturais e sua insistência para que os historiadores considerassem o papel da ação humana na história inspirou mais que uma geração de historiadores e repercutiu muito entre sociólogos, antropólogos e estudiosos da cultura. Além de ser um historiador, Thompson foi um poeta, um escritor político e um militante. Este foi um dos fundadores da Nova Esquerda Britânica na década de 1950 e ao longo da vida foi ainda um defensor do desarmamento nuclear. Grande parte da carreira acadêmica de Thompson foi investida na educação para adultos da classe operária. Sua principal posição acadêmica foi a de diretor do Centro de História Social da Universidade de Warwick, no Reino Unido. (DWORKIN, 2014, p.91)

E.P. Thompson nasceu e viveu em 1924 a 1993, na Inglaterra. Iniciou os estudos em História na Universidade de Cambridge, posteriormente se filiou ao Partido Comunista da Grã-Bretanha, e, no entanto teve de interromper a graduação devido a II Guerra Mundial, tendo essa experiência impactado fortemente o caráter de sua concepção política e intelectual.

E do outro lado do debate está Perry Anderson, nascido em 1938, historiador também marxista, professor de História e Sociologia na UCLA e editor da *New Left Review*. Sua formação política se inicia mais precisamente em 1956, quando ingressou na Universidade de Oxford, assim pode participar dos debates e dos grupos de esquerda da instituição. Com formação em Língua e Literatura francesa, Anderson teve uma formação bastante diversificada, passando inicialmente por Filosofia, História, e que, porém, veio a se formar em literatura. Influenciado pelas ideias e pensamentos de Sartre, publica “Questão e Método” em 1960. Porém, no ano de 1962 assume a direção da *New Left Review*, e partir disto modificou o corpo editorial das revistas e suas tendências, introduzindo inicialmente Sartre, Lukács, Gramsci e uma outra perspectiva de marxismo. E neste decorrer<sup>8</sup> de sua vida intelectual produziu livros: *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo e Linhagens do Estado Absolutista*, estes em 1974, assim como inúmeros artigos publicados na *New Left Review* nos anos 60 sobre o caráter da sociedade e da cultura inglesas, onde polemizou vivamente com E. P. Thompson.

Portando, esses dois historiadores destacaram-se para além do debate

---

<sup>8</sup> Estas fontes contem de forma mais desenvolvida a vida intelectual e político de P. Anderson, ver em: FREIJOMIL, Andrés, G. Perry Anderson [1938]. 2013. Disponível em: <<https://introduccionalahistoriajvg.wordpress.com/2013/04/21/perry-anderson-1938/>>. Acesso em: 13 out. 2017. ver também: LORENZANO, Modesto; BLAJ, Participação de Ilana; BORGES, Vavy Pacheco (Comp.). ENTREVISTAS: PERRY ANDERSON. Projeto História: REVISTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS DE HISTÓRIA, São Paulo, v. 3, p.55-71, dez. 1984. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12496/9065>>. Acesso em: 13 out. 2017.

entrevado e estudado nessa monografia, por suas contribuições teóricas, nitidamente influenciadas por suas militâncias políticas. Assim, no texto a seguir tratarei de abordar os acontecimentos pós-1956, e como os eventos destes anos contribuíram para a organização da *New Left* britânica.

## 2.2 CRISE NO MARXISMO BRITÂNICO: DO PCGB Á NEW LEFT

É importante ressaltar que na primeira parte desse tópico utilizo como base o texto “Notas sobre a crise do marxismo” de Francisco Luiz Corsi a fim de abordar a crise no marxismo no século XX. Destaco que a importância de trazer á baila essa temática acontece pela necessidade da contextualização das críticas que fragmentaram o marxismo em inúmeras variantes, para assim situar o primeiro debate de THOMPSON-ANDERSON.

Segundo Corsi (1994), a crise do marxismo torna-se tema recorrente desde os meados dos anos 1970, essas críticas, produções teóricas, contextualizam-se por eventos acontecidos no ano de 1956, seja a crise do stalinismo, como também pela invasão da Hungria pelas tropas soviéticas no mesmo ano. Essa é uma crise que atinge o marxismo em todos os países europeus, e não diferentemente também influenciou as produções dos intelectuais marxistas britânicos:

Como o Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) não se posiciona contra e até esconde estes acontecimentos, Thompson inicia um processo de desencantamento com o marxismo institucional (PCs e os Estados comunistas do leste europeu) que o faz iniciar uma crítica do marxismo enquanto teoria. Historiador atuante do grupo de historiadores do PCGB, Thompson e milhares de outros intelectuais deixam o partido em busca de um arejamento teórico e político.(SOARES, 2011, p.8)

É importante destacar que antes de saírem do PCGB, estes se organizaram como boletim de oposição interna, o *The Reasoner*, e que neste sentido fica nítido o descontentamento com as ações do partido, assim no boletim em 1956, Thompson coloca que:

Mesmo a urgência da crise egípcia não pode disfarçar o fato de que os acontecimentos de Budapeste representam um ponto de viragem crucial para o nosso partido. A agressão do imperialismo britânico é mais feia e cínica do que as agressões imperialistas anteriores. Mas a crise no mundo comunista, agora, é de um tipo diferente. (THOMPSON, 1956, apud HALL, 2010, p.221)

Logo, muitos teóricos buscaram uma reinterpretação do marxismo, visto que não havia mais um marxismo oficial, pois para além da crise do stalinismo, as interpretações marxistas já não davam mais conta de compreender as novas dinâmicas sociais. Corsi, ao explicar a crise do marxismo cita Althusser, Castoriadis, Hobsbawn, Lipietz, Anderson, Thompson, apresentando as perspectivas desses autores sobre a crise, e em que linhas suas interpretações se encaminharam, e até mesmo como estas se colocavam em contraposição. Althusser capitaneava o avanço do movimento do marxismo estruturalista, que reduz os indivíduos a simples reflexos das estruturas sociais, o que para Corsi (1995, p.6), empurrou o materialismo histórico a um nível drástico de estagnação, porém o autor afirma que é nas obras de Thompson que “ao recuperar o papel do sujeito e da cultura na explicação da relação entre estrutura e sujeito na sociedade e na história” que materialismo histórico encontra fôlego. Corsi, diz que a crise não era apenas teórica, e refletia-se em muito nos impasses da esquerda, principalmente na dificuldade de entrelaçar uma estratégica entre a teoria e prática, e para além disso, essa crise vinculava-se também as transformações do capitalismo e do socialismo. Hall<sup>9</sup> entende:

Nós surgimos e vivemos ainda hoje na era dos “muitos marxismos”. Poucos de nós – se é que algum – poderiam ser descritos depois de 1956 como “ortodoxos”; principalmente, porque, embora sustentássemos diferenças acerca de quanto do marxismo poderia ser transposto sem “revisão” à segunda metade do século, todos recusávamos a enxergá-lo como doutrina rígida e acabada ou, então, como texto sagrado. (HALL, 2014, 226)

Portanto (HALL, 2014), é neste cenário que surge o movimento político britânico, conhecido como *New Left*, um centro de movimento dos debates políticos e intelectuais. Na concepção de Hall (2014), a *New Left* nasce numa conjuntura, ou seja, não apenas definidas pelos dramáticos eventos que foram para ele a repressão à Revolução Húngara, pelos soviéticos, e a invasão britânica e francesa à zona do Canal de Suez no ano de 1956, e sim num aparente reflexo dos anos que antecederam estes dois eventos.

---

<sup>9</sup> Stuart Hall foi um teórico cultural e sociólogo jamaicano, viveu e atuou no Reino Unido, isto é, a partir de 1951 participou ativamente nos debates e estudos intelectuais britânicos, vindo a ser um dos fundadores da revista *New Left Review*. Assim utilizo seu artigo para contextualizar o período de formação da Revista. É importante destacar que o modo como este desenvolve sua narrativa sobre esta época firma-se na sua condição de intelectual estrangeiro e situado em uma tradição diferente dos demais intelectuais britânicos da primeira *New Left*.

A *New Left* veio à existência no rescaldo desses dois eventos. Ela tentou definir um terceiro espaço político em algum lugar entre essas duas metáforas históricas – “Hungria” e “Suez”. Sua ascensão significou para os adeptos da esquerda da minha geração o final dos silêncios impostos e dos impasses políticos da Guerra Fria, bem como a possibilidade de um avanço em direção a um novo projeto socialista. (HALL, 2014, 214-215)

Assim, o tempo do “silêncio” havia “acabado”, novos horizontes eram vislumbrados. Para Hall, a *New Left* representa-se por duas tradições, a primeira a qual ele descreve como *communist humanism*, simbolizada pela *New Reasoner* e seus fundadores John Saville, Edward e Dorothy Thompson. E a segunda, caracterizada pelo *independent socialist tradition*, formada pela geração de estudantes da década 1950 que se mantiveram distantes das afiliações partidárias, que mais tarde produziram a *Universities and Left Review*<sup>10</sup>. E que nos eventos de 1956, são publicadas as duas revistas, que posteriormente em 1960, viriam a se fundir, formando a “primeira” *New Left Review*:

A resposta para “1956” e a formação de uma nova esquerda não poderiam ter ocorrido sem esse período anterior de “preparação”, em que um número de pessoas, lentamente, começou a ganhar a confiança para envolver-se em um diálogo que passou a questionar os termos da discussão política ortodoxa e atravessar as fronteiras organizacionais existentes. (HALL, 2014, p.218)

No tópico de seu texto (2014, p.220) “As Tradições Marxistas Inglesas”, ao explicar as tradições marxistas que compuseram os dois grupos de intelectuais que formaram a *NLR*, Hall expressa que dentro *New Left*, na tradição vinda da *New Reasoner*, havia o grupo de historiadores que estiveram dentro do PCGB, Edward Thompson, John Saville, Rodney Hilton, Christopher Hill, Victor Kiernan, Eric Hobsbawm. Estes tiveram uma formação nas políticas da Frente Popular e do Partido Comunista da Grã-Bretanha, e desenvolveram sob a inspiração de Dona Torr<sup>11</sup> uma leitura independente da história britânica,

[...] assim como uma forma de política marxista que estava muito mais em contato com o radicalismo popular inglês, bastante distinto em estilo e inspiração do que sustentava a liderança do Partido Comunista, por meio de

<sup>10</sup> Revista que pertencia ao grupo que Stuart Hall era membro.

<sup>11</sup> Dona Torr foi uma das integrantes mais influentes do Grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha. Ver: RENTON, David. Opening the Books: the Personal Papers of Dona Torr. *History Workshop Journal*. Oxford, p. 236-245. 1 set. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/hwj/2001.52.236>>. Acesso em: 02 out. 2017.

figuras poderosas – mas profundamente sectárias –, como Palme Dutt. (HALL, 2014, p.220)

Hall (2014, p.221) coloca que os *Reasoners* aparecem a partir das revelações do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), evento esse que proporcionou uma dura reavaliação do stalinismo. Sendo este o contexto que surge a *The Reasoner*, como um boletim oposicionista interno no PCGB, que buscava um “ajuste de contas” público, e que no entanto não tiveram êxito.

Foi só depois que eles perderam sua luta pelo direito de expressar o que foram oficialmente definidas como opiniões de “facções” – e as disciplinas do centralismo democrático mobilizadas contra eles – que a maioria dos “Reasoners” ou deixou o partido ou foi expulsa; assim, o *New Reasoner* apareceu como jornal independente de esquerda. (HALL, 2014, p.221)

Desta maneira, como coloca Hall (2014, p.221), os historiadores do PCGB saíram ou foram expulsos do partido, organizando-se a partir da *The New Reasoner*, se tornando um jornal independente de esquerda.

No entanto, esses acontecimentos afetaram os intelectuais de forma geral como anteriormente dito, assim Hall coloca que os estudantes de esquerda na Oxford, entre partidários e independentes centraram esse debate numa plataforma a *Universities and Left Review*. E que:

A primeira edição de *Universities and Left Review*, que surgiu na primavera de 1957, teve quatro editores: Raphael Samuel e Gabriel Pearson, que deixaram o PC depois do evento “Hungria”, Charles Taylor e eu, representando “os independentes”. (HALL, 2014, p.220)

E desse modo, a composição dos membros da *ULR* era bastante diversificada, e Hall (2014, p.222) aponta que as formações políticas dos quadros da *New Reasoner* pertenciam a uma geração política formada pela experiência da Frente Popular e dos movimentos antifascistas dos anos 1930, dos movimentos de resistência europeus durante a Guerra, das campanhas da “Segunda Frente” pela “amizade com a União Soviética” e da virada popular à esquerda, refletida na vitória do Labour, em 1945, e, portanto:

Embora alguns comunistas mais jovens da tendência na *ULR* também pertencessem a tal tradição, sua relação com ela fora sempre diferente. Em sua esmagadora maioria, o centro de gravidade da geração *ULR* estava

irrevogavelmente localizado no “pós-guerra”. E essa não foi uma diferença de idade, mas de formação mesmo – uma questão de gerações políticas, dentro das quais a Guerra constituiu a linha divisória simbólica. (HALL, 2014, p.222)

Percebe-se então, que essas duas revistas, tanto a *New Reasoner* e a *Universities and Left Review*, têm origens em formações políticas distintas, logo, para Hall, a *New Left Review*, representou nesta perspectiva o encontro de duas tradições diferentes, contrastes estes que criaram tensões sutis e que mais à frente apareceria nas publicações.

Hall resumiu de forma bastante sucinta a fusão entre as duas revistas, na qual ele explicita que as duas continuaram a publicar em conjunto por um período, promovendo e anunciando uma a outra. E que depois de certo tempo, os dois conselhos começaram a se reunir regularmente alinhando-se a uma política mais ampla. Sendo que naquele momento, ambos os conselhos estavam preocupados com a viabilidade financeira, e também em aproximar novos membros. Hall afirma que a vida de muitos militantes da *New Left* que se envolveram com os acontecimentos do período havia sido bastante afetada, e a turbulência do período vivido os deixara de certa maneira exaustos. É partir dessas variedades de fatores, que os dois conselhos editoriais decidiram fundir, em 1960, assim Stuart Hall torna-se “o primeiro editor da *New Left Review*, com John Saville atuando como presidente do conselho editorial”, seguindo nesse formato durante os próximos dois anos seguintes. E, no entanto, é a partir de 1962 que Perry Anderson assume a direção da *New Left Review*, sendo este o momento que se inicia a polêmica entre Thompson e Anderson.

### 2.3 A POLÊMICA THOMPSON-ANDERSON: NO INTERIOR DA *NEW LEFT* BRITÂNICA

De acordo com Dalaqua (2009), a polêmica entre E.P. Thompson e P. Anderson é compreendida em dois debates, o primeiro com as publicações de “três textos que compõem o debate no interior da *New Left* britânica [“Origins of the present crisis” (1964); “The peculiarities of the English” (1965) e “Socialism and pseudo-empiricism” (1966)]”, e o segundo que se inicia a partir da publicação do livro

de Thompson, *The poverty of theory*, em 1978, que dois anos depois é respondido pela publicação do livro de Anderson, *Arguments within English Marxism*, em 1980.

Esse capítulo assim como o próximo se centrará no primeiro debate, logo uso de apoio/base o artigo de Dalaqua, “O debate no interior da New Left britânica”. Visto que, nesse texto a autora traça uma interpretação para compreender o significado do debate a partir das próprias produções dos dois autores, e ao fazê-lo apresenta o contexto em que ocorre essa controvérsia, delimitando o período de 1964-1978, analisando as publicações de Thompson e Anderson nesse recorte temporal. Também possibilitando entender o impacto dessa controvérsia em suas obras posteriores.

No período demarcado, tanto Anderson como Thompson produziram textos em que é possível ouvir os ecos do debate no interior da *New Left*. Os dois voltam a discutir a conformação da sociedade inglesa, a estratificação social e a atuação da classe trabalhadora no país e a esquerda na Inglaterra. Além disso, ambos abordam a tradição intelectual britânica e polemizam sobre a existência ou não de uma tradição marxista no Reino Unido. (DALAQUA, 2009, p.212)

É nesses ecos que se percebe, ou revela-se, as contraposições dos dois autores, e como o debate impacta em suas produções. A autora (2009, p.210) coloca que nesse mesmo ano de 1964, foi publicada uma série de artigos por Perry Anderson e Tom Nairn, pela *New Left Review*, textos esses que ficariam conhecidos como “Nairn-Anderson thesis”. Soares (2011), afirma que essas escritas teriam sido motivados pela vitória do Partido Trabalhista na eleição inglesa do mesmo ano, assim,

[...] buscavam compreender a nova conjuntura, a partir de uma análise sistemática da história britânica do ponto de vista marxista, procurando abordar o desenvolvimento do capitalismo, a formação e estrutura das classes sociais, bem como a trajetória das ideologias naquele país. (2011, p.10)

Estas discussões, conforme Dalaqua (2009, p.210), aparecem inicialmente, em *Origins of the present crisis*, artigo de Anderson, mas que estão presentes nas publicações de “Nairn-Anderson thesis”. Dalaqua, afirma que nesse texto, Anderson tece críticas a respeito da classe burguesa, que a experiência histórica da burguesia inglesa era incompleta porque jamais tivera questionado o domínio político da aristocracia, e por consequência não questionava a concepção

do mundo vigente, e assim por não conseguir formular sua própria visão. Para Dalaqua, Anderson sustentava a ideia de que a classe subordinada adquire parte do arsenal ideológico da classe dominante, isto é, esta análise advém da comparação feita com o processo revolucionário da Revolução Francesa, que para Anderson o proletariado francês havia se apropriado das reivindicações da burguesia e deste modo sustentava seu argumento a respeito da classe burguesa britânica.

Assim sendo, o autor explicava o que seria a tragédia do proletariado inglês; que, tendo sido precedido por uma classe social que não desenvolveu sua própria concepção de mundo e se ateve apenas ao “cego empirismo”, nunca conseguiu elaborar uma ideologia que se pretendesse hegemônica no país. Daí decorreria a dificuldade da classe trabalhadora inglesa em adotar o marxismo, cuja teoria Anderson considerava que nunca havia sido propriamente desenvolvida no país. (2009, p.210)

No entanto, essa perspectiva é um tanto distinta da concepção a qual se situavam os membros mais antigos da *New Left* britânica. Essa publicação de Anderson sobre a tradição inglesa, nas palavras de Dalaqua (2009), é uma visão depreciativa muito presente na escrita de Anderson, e que não reconhece as realizações tanto da classe burguesa como a da classe trabalhadora. Thompson, um ano antes, havia publicado o livro “*The making of the English working class*”, em que defendia a “formação da classe operária inglesa nos termos da experiência própria dos trabalhadores” (2009, p.210), que para Thompson a concepção de “classe” é dialética, estando sempre em movimento.

Sob a forma de uma contestação minuciosa do conteúdo de “Origins”, Thompson redigiu “The peculiarities of the English” (1965). Tal artigo foi veiculado no anuário *Socialist Register* (SR) e não na *NLR*. Thompson, que uma vez compusera o quadro editorial da revista, havia deixado seu cargo ao perceber que o periódico, sob o comando de Anderson desde 1962, caminhava em uma direção distinta daquela proposta inicialmente. Editada por John Saville e Ralph Miliband, a *Socialist Register* agregava a dissidência da *NLR* e teve seu primeiro volume publicado em janeiro de 1964. Em abril do mesmo ano, a renúncia do antigo quadro editorial da *NLR* foi oficialmente anunciada na revista, na última página do exemplar de número 24. (DALAQUA, 2009, p.221)

É possível perceber aos poucos essa transição de geração da *New Left*, e as diferenças de concepções que as atenuam, principalmente os conflitos de concepções historiográficas. Deste modo, neste artigo “The peculiarities”, segundo Dalaqua (2009), Thompson critica os equívocos de Anderson, seja na insistente imprudência em utilizar de modelos comparativos de análise histórica ao relacionar



história da Inglaterra com a de outros países, em especial o da França, como também suas inexatidões oriundas da aplicação de tais modelos. Assim, Dalaqua destaca três pontos:

Com a intenção de retificar as omissões de Anderson para com as realizações da classe burguesa na Inglaterra, Thompson recupera momentos históricos nos quais a burguesia assumiu um papel relevante e destaca contribuições importantes desta classe em áreas como o protestantismo, a política econômica e a ciência natural. (2009, p.211)

E ao fazer isso, contrapõe os argumentos de Anderson sobre a experiência de a classe burguesa ser incompleta. No segundo ponto, ao abordar numa perspectiva o movimento trabalhista na Inglaterra, Thompson busca contrapor as argumentativas presentes no artigo “Origins”, logo, dentro dessa concepção, ao interpreta-la sob essa ótica, este,

[...] permite a identificação de uma cultura de resistência desenvolvida entre os trabalhadores e demonstra que tanto o marxismo como o antimarxismo são elementos constitutivos e constituintes da cultura e do movimento operário no país. (DALAQUA, 2009, p.211)

Sendo essa uma crítica pertinente as afirmações de Anderson sobre o desenvolvimento do marxismo inglês, que ele diz não ter acontecido, e as críticas feita a classe operária em adotar tal teoria. Assim, é nesse terceiro ponto que,

[...] contesta a queixa de Anderson referente à suposta pobreza do modo de investigação empírico, afirmando ser o empirismo um idioma intelectual cuja principal vantagem é a possibilidade de interpenetração entre a teoria e a práxis e o desenvolvimento de um movimento dialético entre o conceitual e o empírico, entre os modelos e as particularidades. (DALAQUA, 2009, p.211)

E em resposta a esse artigo, Anderson escreve “*Socialism and pseudo-empiricism*”, assim, Dalaqua, afirma que neste primeiro debate, ambos os autores realizaram a defesa de interpretações e análises distintas, isto a respeito da “conformação histórica da estrutura de classes na Inglaterra e da relação que estas estabelecem com o Estado” (2009, p.212). Ou seja, havia uma clara disputa pela interpretação e uso do passado, um debate que alcançou questões pertinentes à “historiografia marxista e á prática política da esquerda” (2009, p.212).

Objetivando propor uma interpretação no significado desse primeiro debate, Dalaqua, estuda as publicações de Thompson e Anderson nesse período. Visto que, ao analisar os artigos publicados por Anderson nesse período, a autora percebe que em diversos momentos o debate é retomado e se evidencia nas duas escritas.

Em 1965, Anderson publica “The Left in the fifties”, segundo Dalaqua (2009), ele realiza uma crítica à atuação da esquerda britânica no decorrer da década de 1950, pontuando o papel da *New Left*, e a Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CDN), destacando que a autonomia protagonizada pelos intelectuais ingleses no ano de 1956 era ímpar. Dalaqua (2009, p.213) aponta esse como um “deslocamento na posição”, isto em referência ao “Origins”. Assim, diferente de “Origins”, Anderson em sua escrita acaba sendo mais generoso aos intelectuais britânicos, creditando a tradição dos escritores românticos ingleses “por terem elaborado uma crítica real ao capitalismo no século XIX”, e explica como a *New Left* foi influenciada por essa tradição: “A New Left representou, com efeito, a primeira vez que esta tradição encontrou sustentação na sociedade, e se tornou a inspiração de um verdadeiro movimento político” (ANDERSON, 1965: 15, apud, DALAQUA, 2009, p.213). Assim, o papel da *New Left*, nesse movimento que é a CDN, foi segundo Dalaqua, a de elaboração de uma ideologia baseada no neutralismo internacionalista. A autora destaca ainda a forma como Anderson se situa na *New Left*, e como essa diferença de geração da primeira para a segunda *New Left* é o elemento imprescindível de contextualização de suas produções.

Em seu outro texto, publicado em 1968, “Components of the national culture”, Anderson, segundo Dalaqua (2009, p.214), estabelece uma crítica política situando a formação cultural inglesa, elencando problemas e questões acerca da Inglaterra e seus aspectos culturais e estruturais, inerentes a sociedade britânica.

Assim, retoma questões como a ausência de uma sociologia clássica, em comparação as “sociologias francesa, alemã e italiana” (2009, p.214). E, que mais adiante em seu texto, Anderson rerepresenta críticas também já expostas em “Origins” e “Socialism”, quando desenvolve argumentos acerca do marxismo inglês. Situando a “ausência de autores britânicos comparáveis a Adorno, Della Volpe ou Althusser” (DALAQUA, 2009, p.215), e nessa concepção a Inglaterra não teria produzido um marxismo ou uma sociologia clássica. É neste momento que, Dalaqua diz que Anderson parece incapaz de perceber a tradição marxista britânica já

presente em sua escrita. Portanto, ela contesta, citando que a lista de autores da tradição marxista é ampla, podendo ser compreendida por “Dona Torr, passando por Dobb, Hill, Hilton, Hobsbawm, Williams, Thompson, Samuel e incluindo o próprio Anderson” (2009, p.215).

Embora em outro texto há uma nítida mudança de posicionamento, assim Dalaqua (2009, p.216) cita o artigo “The antinomies of Antonio Gramsci”, publicado em 1976, a autora diz que Anderson nesse texto se situa entre os marxistas ingleses e como o autor pontua as realizações no campo da teoria. Nessa produção, segundo Dalaqua (2009, p.216), Anderson cita o protagonismo da *New Left Review*, colocando esta como uma das poucas revistas fora da Itália a utilizar as contribuições teóricas gramsciana nas análises sócio-político da situação da Inglaterra, citando seus artigos: “(...) “Origins of the present crisis”(1964); “The Left in the fifties”(1965); “Socialism and pseudoempiricism”( 1966) e “Components of the national culture” (1968)”, e outro cinco de Tom Nairn<sup>12</sup>, todas essas publicações no decorrer de 1964 a 1972. Mas Anderson contextualiza que esses trabalhos foram contestados, isto devido ao fato de Gramsci ser pouco conhecido na Inglaterra. A respeito disso, Dalaqua diz que Anderson afirma em uma nota (ANDERSON, 1976:07, apud, DALAQUA, 2009, p.217) de rodapé que a principal resposta a esses textos foi o artigo de Thompson, “The peculiarities of the English”, e que nesse artigo as críticas de forma geral foram bem recebidas pela esquerda britânica.

Portanto, na análise de Dalaqua, nesses três artigos mencionados e comentados, Anderson além de persistir nas ideias e afirmações que desenvolveu em “Origins” e “Socialism”, também se “desloca” em alguns posicionamentos como a questão da *intelligentsia* inglesa, que antes em “Origins”, segundo Dalaqua (2009,

<sup>12</sup> Tom Nairn, intelectual britânico escocês, desenvolveu junto com P. Anderson estudos publicados a partir de 1962, esta série de artigos que ficaram conhecidos como “Nairn-Anderson Thesis”. Este é formado em Filosofia, desenvolveu estudos na área da Ciência Política, sendo considerado junto com Anderson grande intelectual da segunda geração da *New Left* britânica.

Assim: “Tom Nairn fez um contributo significativo para estudos do nacionalismo nas últimas três a quatro décadas, mas também contribuiu para a teoria política em geral. Escrevendo na London Review of Books , Neal Ascherson afirmou que Nairn tem sido "durante vinte anos o filósofo político dominante de seu país e uma influência sobre as idéias da geração pós-1968 em toda a Europa Ocidental". Nairn é amplamente conhecido por desenvolver o que mais tarde seria chamado de tese de Nairn-Anderson sobre o declínio britânico, que é muito citado e comentado, e ele teve uma influência definitiva sobre estudos de nacionalismo e política na Grã-Bretanha e além. Ele é uma das quatro autoridades mais citadas sobre o nacionalismo no mundo de hoje, juntamente com Benedict Anderson, Anthony Smith e o falecido Ernest Gellner. Através de seu trabalho analítico e de tradução, ele é creditado, junto com Perry Anderson, com o trabalho de Antonio Gramsci para a cultura anglicana, especialmente a noção de "hegemonia", que tem tido uma grande influência no campo dos estudos políticos e culturais desde então” ver mais em: DURHAM UNIVERSITY. 2008/09 IAS Being Human Fellows: Professor Tom Nairn. 2008/2009. Disponível em: <<https://www.dur.ac.uk/ias/fellows/0809fellows/nairn/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

P.217), Anderson relutava a admitir a existência na Inglaterra. Como também “fica evidente que Anderson se considera parte de um grupo de marxistas britânicos; consolidado após o declínio da primeira geração da *New Left*, no início da década de 1960” (DALAQUA, 2009, P.216), e nessa perspectiva critica os intelectuais da primeira geração:

Quando a revista já está consolidada entre o circuito marxista europeu, então o autor se assume como parte de uma linha marxista inglesa recente, distanciada do humanismo defendido pela primeira geração da *New Left*, em especial, por Thompson. (DALAQUA, 2009, P.217)

Assim, caracteriza os intelectuais ingleses da primeira geração da *New Left*, apontando as falhas/ausências de análises mais estruturais acerca da sociedade britânica e a pobreza na retórica.

Esse debate histórico-político, também é evidenciado nas publicações de Thompson. Dalaqua (2009, p.217) ao analisar o artigo “An open latter to Leszek Kolakowski”, publicado em 1973, em um formato de carta “dirigida ao intelectual polonês Leszek Kolakowsk”. Destarte, Thompson faz uma dura avaliação das realizações da *New Left*, assim aborda sua trajetória “pós-1956” (DALAQUA, 2009,p217), explorando os acontecimentos daquele período por meio das publicações da *The New Reasoner* e na *New Left Review*.

A prática política deste grupo envolvia organizar as marchas anuais até o sítio nuclear de Aldermaston, participar de Left Clubs e angariar fundos para publicações. Em meio a estas tarefas, seus membros deixaram parte de suas atividades intelectuais de lado, para poder lidar com as contingências da militância. (DALAQUA, 2009, p.217)

Este foi um período de turbulência, e como já anteriormente mencionado, este momento “pós-1956” colocou em suspense a vida dos intelectuais da primeira geração da *New Left*, não obstante nesse cenário ao qual se encontravam bastante desgastados, buscaram aproximar “Perry Anderson e seus colegas”. Contudo, sobre esse texto “An open”, Dalaqua expressa que Thompson descreve-se amargurado com o rumo da *NLR*, dirigida por Anderson a partir de 1962, e como ele tornou dispensáveis os fundadores da revista em seu quadro editorial.

Nós éramos, é o que parece, insuficientemente ‘rigorosos’: o que era verdade. Nós estávamos confinados a uma estreita cultura nacionalista e não estávamos a par do verdadeiro discurso Marxista internacionalista: o

que significava que, na verdade, nós atendíamos às vozes de Kolakowski, Hochfeld e Wazyk, de Tibor Dery e Illyes, de Basso e de Djilas, de C. Wright Mills e de Isaac Deutscher, e atendíamos insuficientemente a um diálogo específico entre Marxistas Parisienses e Parisienses existencialistas. E nós não éramos 'reputáveis': o que significava que o nosso trabalho não era bem quisto em Oxford. (THOMPSON, 1978: 312, apud, DALAQUA, 2009, p.218)

Nesse trecho Dalaqua afirma o tom satírico de Thompson, pontuando como fica bastante nítido que o debate ainda não houvera acabado, compreendo esse como parte do processo de transição. Desta maneira, segundo Dalaqua, Thompson acerca as questões que envolveram a transição de geração, e principalmente efetua uma crítica na dimensão política na condução da revista. Portanto, para Dalaqua, Thompson percebe este como um processo cujo fim é "europeizar" a produção intelectual britânica, por práticas e vocabulários diferentes, a caminho de uma linguagem menos comum.

Thompson também acredita que uma inabilidade para discutir artes, moral e valores esteja se formando; relacionada com a ênfase na objetividade teórica. A crença de que não havia nenhuma tradição marxista relevante na Inglaterra antes de 1963 é, de um modo ou de outro, propagada por esta nova geração. (DALAQUA, 2009, p.219)

Logo, fica perceptível que ao criticar Kolakowski, principalmente por ter se inserido nessa nova tradição, Thompson estabelece uma crítica direta a Anderson. Assim, como também efetua uma crítica a ortodoxia presente em antigos textos marxistas de Kolakowski.

Dalaqua (2009, p.219) explora também outros dois textos de Thompson, estes resultados de reflexões feitas na reedição do livro "William Morris: romantic to revolutionary", que teve sua primeira publicação em 1955, e que estão presentes em duas seções nessa reedição de 1976. Estes dois textos também compõe um artigo mais sucinto de Thompson, publicado em 1976, "Romanticism, Moralism and Utopianism: the case of William Morris", na *NLR*. De todo modo, Dalaqua ao analisar essa escrita de Thompson, expressa (2009, p.220) que este contrapõe os argumentos de Anderson de forma implícita, ao colocar que a nova geração de marxistas não reconhecia a existência de uma tradição marxista anterior a 1960, e contrapõe citando a contribuição de Morris, citando este como parte dessa primeira geração intelectuais comunista. Porém, para Dalaqua, é no artigo que Thompson melhor desenvolve as questões implícitas no livro, pois neste momento ele aborda a

controvérsia com Anderson e Nairn, assim como os conflitos entre as duas gerações da *New Left Review*. E faz uma crítica aos marxistas althusserianos, que nas suas narrativas deslegitimavam a possibilidade de haver uma tradição inglesa.

E é neste momento que Thompson, segundo Dalaqua, antecipa o segundo debate iniciado pelo *The poverty of theory*, ao se dirigir desta maneira aos Althusserianos:

Nem a Esquerda nem o Marxismo podem algum dia pertencer a um grupo de pessoas que ergue cercas e placas de propriedade, só podem pertencer a todos aqueles que escolhem permanecer em tal 'terreno' e que se misturam com o trabalho. (THOMPSON, 1976:111, apud DALAQUA, 2009, p.221)

Para Dalaqua, esse trecho é extremamente marcante, visto que demonstra com nitidez a vitalidade de um debate que ainda não havia se encerrado. E que para a autora, é uma disputa política que compreende a “prática intelectual como prática política” (2009, p.221), está aí o “porque” de ser um debate caracterizado pelo historiográfico-político.

Por fim, a autora em seu artigo, interpreta três dimensões essenciais para compreender o significado desse debate, que estas são compreendidas dentro da aceção de transição, sendo a “transição política, transição de geração e transição teórica” (2009, p.221).

No que tange a transição política fica bastante evidente no que já anteriormente foi citado por Thompson, principalmente a respeito que há na composição do quadro editorial feito por Anderson, pelas quantidades textos de escritos por intelectuais de países subdesenvolvidos como afirma Dalaqua (2009, 221).

Em sequência, Dalaqua trata das concepções políticas entre as gerações, e como estas se diferem de distintos modos. A autora cita a questão de vivência da Segunda Guerra Mundial no qual somente a primeira geração havia experienciado, e que marcou profundamente essa geração, como também o vínculo destes com o PCGB. Isto já foi citado no tópico anterior, a partir do texto de Hall. Contudo, nessa transição de geração, Dalaqua aponta as contribuições de Raymond Williams, e como este é bastante citado nos textos de Thompson e Anderson, assim a autora vê isto como uma continuidade de geração, visto que Williams faz parte da primeira geração, portanto esta enfatiza que “dimensão teórica da produção de Williams seria

o aspecto residual, que é incorporado e se mantém vivo nesta nova geração da *New Left*” (2009, p.221).

E em seu último destaque, Dalaqua coloca que a questão da transição teórica, que é bastante marcada pela introdução das ideias e conceitos de Althusser e Gramsci ao marxismo britânico, e que esse debate no interior da *New Left* ficou bastante marcado pela contribuição gramsciniana. E também discorre sobre a percepção de Thompson em relação às ideias estruturalistas, na qual o autor vê como uma corrente que não valoriza os sujeitos, deixando pouco espaço para as análises da ação humana. A autora finaliza citando o segundo debate, que teve início com a publicação *The Poverty of Theory* em 1978, e que teve a resposta de Anderson dois anos depois com *Arguments within English Marxism*, pontua os intervalos dessa controvérsia, e a característica teórica deste debate.

Assim, a partir dos estudos sobre esse primeiro debate, feito por Dalaqua, torna-se possível perceber os ecos desse debate nas publicações desses grandes historiadores britânicos, como a nitidez da disputa política do uso do passado, uma disputa diretamente entrelaçada a prática intelectual.

Desta maneira, no próximo capítulo apresento e desenvolvo uma análise a respeito dos artigos que compõe o primeiro debate, logo, se nesse primeiro capítulo evidenciamos os aspectos que contextualizam o lugar social desses autores, neste próximo são suas escritas que serão problematizadas.

### 3 DEBATE I - THOMPSON-ANDERSON: DISPUTAS ENTRE NARRATIVAS HISTÓRICAS E PELA PRÁTICA INTELLECTUAL

Neste segundo capítulo busco apresentar os artigos que compõe o primeiro debate de E.P Thompson e P. Anderson, assim como realizo a análise destes. Portanto, como vimos anteriormente esse debate no interior da *New Left* britânica tem como principais elementos as disputas entre narrativas históricas, assim como pela prática intelectual, compreendida de forma divergente entre esses historiadores que pertencem a gerações diferentes da *New Left*. De todo modo, esses dois historiadores são localizáveis, ou seja, o lugar social, suas práticas, e principalmente suas escritas, assim se no capítulo anterior buscou-se evidenciar o lugar social e as práticas destes historiadores, neste os esforços serão em compreender os significados de suas escritas.

Sendo assim, este capítulo está estruturado seguindo a ordem cronológica de aparecimento das publicações que compõe esse primeiro debate, logo optei em dividi-lo em tópicos, pois do contrário ocorreria o risco de fazer tal apresentação e análise de forma bastante nebulosa, justifico assim a organização estrutural deste capítulo.

#### 3.1 ORIGINS OF THE PRESENT CRISIS (1964)

Em *Origins of the present crisis*<sup>13</sup>, Anderson inicia situando a sociedade britânica, colocando que há dois fatos importantes frente aos socialistas britânicos que podem ser compreendidos pela relação presente e futuro, ou seja, a crise profunda que afeta a sociedade britânica e a possibilidade iminente de um governo trabalhista. No entanto, o autor coloca que as produções acerca da “estagnação da Grã-Bretanha” pouco contribuem para a compreensão da situação que se encontra a sociedade britânica.

Ainda no início de seu artigo crítica autores como “Shonfield, Hartley, Sampson, Shanks, MacRae”, apontando a falta de dimensão histórica de suas produções e a falta de análises estruturais.

---

<sup>13</sup> Como já exposto na introdução, para o desenvolvimento dessa monografia uso o artigo original publicado por P. Anderson, destarte todas as citações longas e alguns termos preferi usar o texto original, haja vista que este estudo enfoca muito na escrita desses autores, e as citações curtas são traduções livres minhas.



If one turns to socialist critics of the right or the left, the same central blankness is striking. Crosland's *Conservative Enemy* is in many ways an eloquent and intelligent work; it is certainly far more serious than the vulgar run of books whose theme—the 'stagnation' of Britain—is the same. Yet Crosland, too, attacks 'conservatism' in every reach and level of British society without providing a single line of explanation of the malady he denounces. (1965, p.27)

Assim as críticas aos autores britânicos que lhe antecederam são bastante explícitas, ainda que embora ele destaque as contribuições de Raymond Williams para o campo do pensamento socialista fica demasiadamente nítido seu posicionamento ao demarcar o seu lugar social, diferenciando desta maneira sua produção com as destes autores. Portanto, Anderson expressa que,

We must be unique among advanced industrial nations in having not one single structural study of our society today; but this stupefying absence follows logically from the complete lack of any serious global history of British society in the 20th century. The limits of our sociology reflect the nervelessness of our historiography. (1965, p.27)

Ao comparar a nação britânica com outras, o autor expressa claramente sua concepção sobre as produções da sociologia e da historiografia britânica, que até aquele momento na visão de Anderson era inútil, pois não fornecia subsídios necessários para compreender a crise, e, portanto, tornava-se tácita a necessidade de realizar um estudo de dimensão histórica e estrutural sobre a sociedade britânica. Anderson coloca que os estudos sobre a sociedade britânica até o momento abrangeram somente os períodos "heroicos", compreendidos pelos séculos XVII e XIX, e que "(...) a maioria dos 18 e os 20 continuam inexplorados. Assim, nenhuma tentativa já foi feita até mesmo no esboço de uma história "totalizadora" da sociedade britânica moderna" (1965, p.27), e que neste sentido evidencia-se o caráter de seu intento.

Yet until our view of Britain today is grounded in some vision of its full, effective past, however misconceived and transient this may initially be, we will continue to lack the basis for any understanding of the dialectical movements of our society, and hence—necessarily—of the contradictory possibilities within it which alone can yield a strategy for socialism. (1965, p.27)

Logo, podemos compreender a disputa entre narrativa histórica, e como o discurso histórico é encarado por Anderson, desta maneira para o autor essa nova

narrativa é intrinsecamente necessária para compreender a conjuntura social e política em que a sociedade britânica estava inserida. Percebe-se que o autor estabelece uma relação do presente sendo significado por essa nova narrativa com o futuro compreendido pelas estratégias para o socialismo, e que só poderiam ser vislumbradas por esse estudo/narrativa.

Portanto, o autor (1965, p.28) coloca que a crise só poderia ser entendida em um estudo focado principalmente na “*global evolution of the class structure*”, compreendendo o “desenvolvimento da sociedade capitalista britânica desde o século XVII” (1965, p.28). Anderson, então, esquematiza seu artigo em três grandes pontos: A) “História e estrutura de classe: trajetória”; B) “História e classe consciência: hegemonia”; e C) “Entropia”, e em cada um destes pontos sendo compostos por outras questões de forma ramificada.

No ponto “A” o autor destaca quatro questões importantes, na primeira questão discorre sobre a dimensão da Revolução Burguesa na Inglaterra e as narrativas que haviam sobre esta, destarte Anderson se propõe a compreender as características deste período. Segundo o autor (1965, p.28) a visão/narrativa de que o conflito da década de 1640 “era uma simples luta entre uma burguesia crescente e uma aristocracia em declínio é claramente insustentável”, logo o autor (1965, p.28) questiona “Quem fez a Revolução? Que tipo de revolução era?”. Para Anderson era um choque entre dois segmentos de uma classe proprietária de terras, e as características ideológicas da luta eram em grandes partes religiosas e estavam um tanto dissociadas de aspirações econômicas. No entanto, o autor coloca que Revolução de certa maneira avançou para além das intenções políticas que seus principais protagonistas tinham, assim esta foi interrompida quando a classe agrária sentiu-se ameaçada em seus interesses econômicos. Para Anderson, o único núcleo verdadeiramente burguês da revolução foi o capital mercantil e foram estes que herdaram os frutos da vitória a partir do vácuo deixado pela classe agrária.

This anomalous outcome was the culminating product of the complexly refracted and mediated character of the Revolution. Because it was primarily fought within and not between classes, while it could and did destroy the numerous institutional and juridical obstacles of feudalism to economic development, it could not alter the basic property statute in England. (1965, p.29)

Logo, para o autor, a luta não foi entre classes, mas dentro de classe, e que a imensa carga da revolução teve uma afetação intensamente externa, citando a política econômica de Commonwealth e como este legado proporcionou as bases para o imperialismo britânico. Assim, o historiador inglês entende que:

The six decades from 1640 through 1688 to the end of the century saw the stabilization and progressive consolidation of the gains of the Revolution: essentially, the development of a dynamic capitalist agriculture and the rise of a mercantile imperialism, in a period of great economic boom. (1965, p.29)

Por isso que para o autor estas características são extremamente importantes para compreender a Revolução Burguesa, e como esse período forneceu o cenário favorável para a Revolução Industrial. De todo modo, Anderson resume em três idiosincrasias fulcrais esta primeira questão. Primeiramente, ele expressa que a revolução se livrou dos obstáculos jurídicos e constitucionais estruturando o desenvolvimento capitalista, porém fez tudo isso deixando praticamente toda a estrutura social intacta. Segundo, que transformou os papéis sociais, porém a classe dominante permaneceu a mesma, pois para o autor nenhum grupo foi deslocado de seu lugar, portanto “apesar de sua riqueza cada vez maior, banqueiros e comerciantes permaneceram um grupo subalterno dentro do sistema dominante, um "interesse" e não uma “classe” (1965, p.30). Por isso que, para o autor, essa foi uma Revolução Burguesa por procuração, e que para Anderson tal característica ainda era bastante presente. É importante destacar que o autor usa o conceito de “aristocracia” não para designar os nobres, mas compreendendo a classe proprietária de terra como um todo. Por fim, o autor Anderson afirma que o legado ideológico da revolução foi praticamente nulo, e que,

The religious beliefs which had seen divine intervention justifying Rebellion when it was successful, saw it also—and irrevocably—condemning it when the Revolution collapsed and the monarchy was restored. Because of its ‘primitive’, pre-Enlightenment character, the ideology of the Revolution founded no significant tradition, and left no major after-effects. Never was a major revolutionary ideology neutralized and absorbed so completely. Politically, Puritanism was a useless passion. (1965, p.30)

Desta maneira, Anderson coloca que tais características ainda que tenham sido proporcionadoras da Revolução também foram as que possibilitaram sua neutralização. E que devido ao caráter “primitivo, pré-iluminista” a ideologia da

Revolução não estabeleceu nenhuma tradição e tão pouco reverberou-se posteriormente, isto é, em seu legado ideológico.

Na segunda questão do ponto “A)” o autor discute a Revolução Industrial, situando o proletário inglês e a relação que este tinha com a teoria socialista, e acerca a relação da burguesia industrial com a aristocracia. Assim, Anderson afirma que a Inglaterra experimentou a primeira Revolução Industrial num contexto de forte movimento contra-revolucionário internacional. Para o autor, a Revolução de 1640 possibilitou a transformação de uma classe agrária em uma classe fortemente capitalista com auxiliares mercantis:

[..] agrarian capitalism provided the economic and human surplus for industrialization, depopulating the countryside to provide investment and labour for the towns. Mercantile imperialism, dominating Asia, Africa and Latin America, provided the markets and raw materials. The cotton industry, based squarely on control of the world market, from India (calico) to West Africa (slaves), to the Caribbean (raw cotton), launched the takeoff. The colossal industrial concatenation which followed inevitably produced its own, new bourgeoisie—the manufacturing middle class of Manchester and the North. (1965, p.31)

Logo, Anderson coloca que foi no decorrer de 100 anos que se maturou este cenário, possibilitando assim os elementos necessários para que ocorresse a Revolução Industrial. No entanto ao acercar a relação entre burguesia industrial e elite agrária o autor coloca que:

A period of intense political conflict between the nascent industrial bourgeoisie and the agrarian elite was, of course, inevitable once the manufacturers began to aspire towards political representation and power. But this clash itself was profoundly affected, and attenuated, by the context in which it occurred. The French Revolution and Napoleonic expansion froze propertied Europe with terror. For 20 panic-stricken years the new English manufacturing class rallied to the aristocracy; in that time it developed habits and attitudes it has never lost. (1965, p.31)

Portanto, Anderson acerca essa relação destas duas classes, construindo uma narrativa para compreender a formação política da burguesia industrial, situando que muito dos hábitos da burguesia industrial são resultantes e advindos do profundo contato com a elite agrária. Porém, segundo autor, após esse período de medo a burguesia industrial fortaleceu-se para assim incorporar-se no sistema político. Anderson destaca duas importantes vitórias para essa burguesia, a Reforma

de 1832<sup>14</sup> e a Revogação das leis do milho de 1846<sup>15</sup>. Para o autor, a burguesia mercantil tradicional jamais havia obtido representação direta no parlamento, isto era devido a situação e composição que tinha, e, no entanto, sempre delegou seus interesses a uma parte da aristocracia, destarte,

Even after 1832, it was noticeable that the new middle-class used its vote to elect members of Parliament not from among its own ranks, but from those of the aristocracy, thus reproducing the exact relationship between its predecessor and the landed élite even after it had won the power to do otherwise: as late as 1865, over 50 per cent of the House of Commons formed a single, intricately extended kinship group. Thus for a period one can speak of a delegation of power by one distinct social class to another. (1965, p.32)

De todo modo, para o autor, essa relação que se estabelece de delegação de interesses ocorre apenas por um período curto, e que através das reformas das instituições educacionais estas duas classes de forma sistematizada e organizada transformam-se em uma classe dominante. Assim, Anderson expressa que buscou no conceito desenvolvido por Sartre “‘detotalized totality’, em que essa classe hegemônica é “distinguida por uma homogeneidade virtual perpetuamente recriada e uma porção real – determinada” (1965, p.32), ao longo do texto Anderson desenvolveu mais o uso deste conceito:

The dominant bloc in England can be envisaged as a narrow, highly-structured hegemonic class, with, beneath it, a large, diffuse, polymorphous reservoir—the entrepreneurial, professional and salaried ‘middle-classes’. The rigorous structure of the one radically destructures the other, as access is always open to the select few from the ‘middle’ to the ‘upper’ class: thus the middle-classes in England have never produced institutions and culture of anything like a comparable distinctiveness and density to those of the ‘upper’ or for that matter, working class. (1965, p.32-33)

Portanto, para o autor a prerrogativa da narrativa de que a Inglaterra jamais houvera tido um movimento político independente da pequena burguesia reside nesse fato, responsabilizando assim o papel hegemônico dessa classe

<sup>14</sup> A Lei de Reforma de 1832 foi um ato do parlamento, este introduziu modificações produzindo amplas mudanças no sistema eleitoral na Inglaterra e País de Gales.

<sup>15</sup> A “Corn Laws/Leis dos milhos ou Leis dos Cereais” entrou vigor entre 1689 e 1846, esta foram desenvolvidas para proteger os proprietários ingleses, condicionando o incentivando a exportação assim como limitando a importação de cereais quando os preços caíram abaixo de ponto fixo estabelecido pela Corn Laws. Porém “Eles foram eventualmente abolidos diante da agitação militante da Liga Anti-Milho-Liga, formada em Manchester em 1839, o que sustentava que as leis, que representavam um subsídio, aumentavam os custos industriais. Depois de uma longa campanha, os opositores da lei finalmente conseguiram o seu caminho em 1846 - um triunfo significativo que era indicativo do novo poder político da classe média inglesa.” Ver em: CODY, David. Corn Laws. 1987. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/history/hist5.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

dominante, como também chega a tal análise a partir da comparação da história da Inglaterra com as de outros países europeus.

Voltando-se a classe trabalhadora, Anderson diz que durante as primeiras cinco décadas do século XIX esta classe se desenvolveu em uma direção totalmente oposta à da classe média, coloca ainda que foi o primeiro proletário que sofreu com a industrialização, de modo que precisou inventar maneiras, estratégias e táticas de organização, logo,

The tragedy of the first proletariat was not, as has so often been said, that it was immature; it was rather that it was in a crucial sense premature. Its maximum ardour and insurgency coincided with the minimum availability of socialism as a structured ideology. Consequently it paid the price of the forerunner. (1965, p.33)

Logo, para o autor, a disponibilidade mínima de uma ideologia socialista estruturada e o legado deixado por uma burguesia que não questionou/disputou sua concepção de mundo - o poder da classe dominante era assim compreendido como a tragédia do proletariado inglês. Pois, para Anderson, em comparação com outros países, o marxismo chegou tarde demais, porém essa crítica fica ainda mais acentuada na segunda parte de seu artigo.

Na terceira questão do ponto “A)”, Anderson busca compreender o papel e a dimensão do imperialismo britânico, assim situa como essas transformações reverberaram-se na sociedade britânica persistindo até o século XX. É importante destacar o uso do conceito de imperialismo<sup>16</sup>, ao qual o autor busca diferenciá-los por períodos e pelas relações políticas características destes. De todo modo, para o autor o imperialismo militar-industrial do final do século XIX foi o ponto mais alto imperialismo britânico, no entanto foi o imperialismo mercantil dos séculos XVII e XVIII que deram base para a propulsão econômica do início do século XIX, isto junto com o imperialismo diplomático-industrial caracterizado pelo livre comércio internacional de meados do século XIX, dos quais são decisivos segundo Anderson:

The multiform impact of militant imperialism on the economy and society of Britain can only be suggested here. It is clear that the existence, maintenance and constant celebration of the Empire affected all classes and

---

<sup>16</sup> Uso do conceito de “imperialismo diplomático-industrial” e “imperialismo militar-industrial” são explicados em nota de rodapé por Anderson. Assim o primeiro é compreendido pela subjugação econômica de outras nações sem a necessidade de anexação, garantida pelo medo. E a segundo pela conquista direta.

institutions in Britain; it could not have done otherwise. Equally obviously, its effects varied enormously in kind from group to group. (1965, p.34)

Logo, para o autor, essas transformações/afetações para além de impactarem economia inglesa colaboram para o fortalecimento do bloco dominante: “a aristocracia inglesa estava rapidamente se tornando factualmente ‘burguesa’, já que a burguesia inglesa se tornou “aristocrática””(1965, p.34). Porém, as reverberações desse processo na classe trabalhadora se estabelecem de outra maneira,

[...] the primary impact of imperialism on the working-class—as throughout English society—was at the level of consciousness. The British work- ing-class was not in any profound sense mobilized for imperialism; to this extent, the options of many of its leaders were ineffective and insignificant. (1965, p.35)

Para Anderson, dificilmente o proletário inglês tenha se beneficiado do imperialismo, assim, ainda que todos os grupos políticos e porta-vozes da esquerda eram em diferentes modos imperialistas em seus discursos tais afetações ações não reverberaram-se. Ao final desta terceira questão destacando o papel da classe trabalhadora durante o final do século XIX, na visão do autor foi inofensivo e bastante subordinado ao sistema político britânico, ainda que em 1884 tenha formado a Federação Social-Democrata<sup>17</sup>, em contraste com outros países foi bastante atrasado, assim expressa o autor.

E na quarta e última questão do ponto “A)”, Anderson situa a Inglaterra e a estrutural social no período das duas Guerras Mundiais. Talvez o destaque mais importante a ser feito sobre esta questão seja a narrativa construída acerca das afetações que duas Guerras Mundiais incindiram na sociedade britânica, principalmente quanto à representatividade da classe trabalhadora. Anderson entende que,

No comparable crisis of disruption and transformation disturbed the placid waters of British social history. Even won, however, the two World Wars were the only serious forcing-periods of social change in English history in the 20th century. (1965, p.37)

---

<sup>17</sup> Fundada em 1884 Federação Social Democrata (SDF) “foi uma vertente do socialismo vitoriano tardio e o primeiro partido marxista na Grã-Bretanha”, sendo HM Hyndman, fundador da SDF. Ver mais em: YOUNG, David Murray. People, place and party: the social democratic federation 1884-1911. 2003. 323 f. Tese (Degree of Doctor of Philosophy) - Doutor em Filosofia, Departamento o Politics, University of Durham, Durham, 2003. Disponível em:< [http://etheses.dur.ac.uk/3081/1/3081\\_1106.pdf?UkUDh:CyT](http://etheses.dur.ac.uk/3081/1/3081_1106.pdf?UkUDh:CyT)> Acesso. em: 05 dez. 2017

Pois para o autor o efeito em longo prazo da guerra possibilitou o aumento da força da classe trabalhadora compreendida em dois ciclos, neste primeiro o Partido Trabalhista era antes um pequeno grupo e surge com grande representatividade e força, aumentando seus assentos de “60 em 1919 para 191 em 1924” (1965, p.38), vindo até constituir um governo minoritário, mas logo entrou em colapso encerrando esse primeiro ciclo com o início da segunda Guerra Mundial, e nessa sequência vastas conquistas conservadoras dominaram esse período seguinte. Assim, Anderson coloca o segundo ciclo se inicia após a guerra de 1939-1945, e que nas eleições de 1945 o Partido Trabalhista alcança grande representatividade, vindo a cair em 1951 e que novamente seguiu-se uma década de domínio conservador. Assim, Anderson finaliza esse primeiro ponto, mostrando como ao longo de três séculos se desenvolveu a estrutura de classe e propriamente o capitalismo britânico.

No ponto “B)”, segunda parte de seu artigo, Anderson complementa as questões desenvolvidas no primeiro ponto, assim como constrói uma narrativa histórica sobre a ordem hegemônica da estrutura de classe britânica. De todo modo organiza esta segunda parte em três comentários (I, II e III).

Se na primeira parte de seu artigo evidenciam-se as influências de Sartre em seu pensamento, nessa podemos destacar pelo desenvolvimento de “classe hegemônica”, e que de forma bastante explícita Anderson introduz as contribuições de Gramsci. Para tal, o autor inicia esse primeiro comentário apresentando o conceito de “hegemonia” definido por Gramsci, assim coloca que:

[...] the dominance of one social bloc over another, not simply by means of force or wealth, but by a total social authority whose ultimate sanction and expression is a profound cultural supremacy. This imperative order not merely sets external limits to the actions and aims of the subordinated bloc, it structures its intimate vision of itself and the world, imposing contingent historical facts as the necessary co-ordinates of social life itself. The hegemonic class is the primary determinant of consciousness, character and customs throughout the society. (1965, p.39)

Portando, para o autor essa hegemonia é compreendida de várias formas, resumindo estas formas em quatro importantes compreensões. Primeiramente coloca que as relações sociais da sociedade britânica foram caracterizadas por uma hierarquia pseudo-feudal. Em seguida, expressa que a ideologia do bloco dominante não é estruturada, porém é compreendida pelo “tradicionalismo” e o “empirismo”.



Assim, para o autor, o “tradicionalismo” era o idioma ideológico da classe aterrada quando sentia desviada seu monopólio de poder, e o “empirismo” foi visto pelo autor como a fragmentada e incompleta experiência histórica da burguesia inglesa que residia no fato de não ter derrubado um estado feudal, ou seja, não desenvolveu uma concepção de mundo na mesma lógica ideológica da aristocracia. No terceiro elemento o autor compreende o estilo de liderança, compreendida pelas características do imperialismo inglês. E encerra colocando que a burguesia industrial desenvolveu uma ideologia autêntica e articulada, o “utilitarismo”, e que, no entanto, nunca conseguiu alcançar um status hegemônico.

No comentário II, o autor busca explicar sobre o determinante conjuntural da evolução de consciência da classe trabalhadora. Inicia colocando que as combinações de fatores estruturais e conjuntivos do século XIX produziu um “proletário distinto de uma consciência de classe empresarial imutável e quase nenhuma ideologia hegemônica” (1965, p.41). Anderson explica isso estabelecendo uma relação entre “classe hegemônica” e “classe corporativa”, assim coloca que se esta primeira pode ser compreendida por impor seus objetivos e visão sobre a sociedade como um todo, e a segunda compreendida pelo inverso, ou seja, essa classe corporativa busca seus interesses próprios se submetendo a ordem já estabelecida. Logo, para o autor,

The English working-class has since the mid-19th century been essentially characterized by an extreme disjunction between an intense consciousness of separate identity and a permanent failure to set and impose goals for society as whole. In this disjunction lies the secret of the specific nature of the working-class movement in England. (1965, p.41)

Justifica Anderson desta maneira sua afirmação sobre a classe trabalhadora não ter uma ideologia hegemônica, visto que a intensidade dessa consciência de classe corporativa impediu tal possibilidade, e que a origem dessa complexidade está no capitalismo inglês. Logo, para Anderson, nesse contexto estrutural a classe hegemônica cria um mundo social onde as demais classes aparecem e se veem inseridas como parte natural, estando definidas por modos e relações fixas. Tal conjuntura da evolução da consciência da classe trabalhadora, explica Anderson, pode ser compreendida por duas grandes influências: a primeira pela “(...) repressão e segregação selvagens que a classe trabalhadora sofreu em seus anos formativos, que a impulsionou em seus próprios recursos, para criar sua

própria cultura em seu próprio universo” (1965, p.42). Anderson destaca que este foi o único período da história da classe trabalhadora em que esta se elevou contra a sociedade capitalista, e por não ter nenhuma ideologia socialista estrutura as experiências de suas derrotas se perderam, não deixando qualquer tradição. E o segundo determinante, como descreve Anderson, está no fracasso de qualquer corpo significativo de intelectuais a se juntar com o proletariado até o final do século XIX. Segundo sua análise, isto pode ser compreendido a partir do período vitoriano, no qual a aristocracia impediu o surgimento de qualquer corpo significativo de intelectuais independente, e que devido a isso qualquer crítica realizada ao capitalismo não foi suficientemente forte para que pudesse ultrapassá-lo. Assim, o autor coloca que a classe trabalhadora após seus anos de repressão herdou parte significativa de ideologia burguesa, pois:

It is a general historical rule that a rising social class acquires a significant part of the ideological equipment from the armoury of the ruling class itself. Thus the universal axioms of the French revolution were turned by the working-class in France against the bourgeoisie which first proclaimed them; they founded a revolutionary ideology directed against the initiators of the revolution. (1965, p.43)

Enquadrando a história britânica a partir do modelo de história francesa, o autor coloca que a burguesia por não conseguir elaborar uma concepção de mundo ao qual pudesse disputar o poder hegemônico, como já antes discutido, e que devido a isso produziu um proletariado subordinado, incapaz de disputar a força hegemônica. Assim, destaca que ao longo de 150 anos a classe trabalhadora formou uma consciência de classe maciça, porém, não conseguiu se desenvolver como uma força hegemônica. Voltando-se ao Partido Trabalhista, coloca que este sozinho dos demais partidos da classe trabalhadora europeia, não é chamado de social-democrata ou socialista, pois seu próprio nome designa um interesse e não uma sociedade ideal.

E para finalizar o ponto “B)”, nesse terceiro comentário (III), o autor busca explicar como funciona o sistema hegemônico e sua estrutura de poder, logo destaca que os momentos cruciais podem ser compreendidos quando o partido da classe trabalhadora ganhou poder político e formou governo.

When a Conservative government is in power, it is an integral part of a continuous landscape which extends in a smooth, unbroken space around it.

When a Labour government is in power, it is an isolated, spot-lit enclave, surrounded on almost every side by hostile territory, unceasingly shelled by industry, press and orchestrated 'public opinion'. Each time it has in the end been over-run. (1965, p.49)

Assim, o autor explica como esse sistema hegemônico agia, e em termos gerais resume a estrutura de poder na Grã-Bretanha destacando três principais idiossincrasias:

[...] the relative insignificance of bureaucratic or military forms, the exceptionally immediate strikecapacity of economic forms, and the ultimate, crucial importance of ideological and cultural forms. (1965, p.47)

Portanto, para o autor, esta combinação é compreendida pela supremacia da sociedade civil sobre o estado. Anderson ainda coloca que a democracia parlamentar britânica pode ser compreendida num ponto de vista como a “vitória mais vital” da classe trabalhadora, e assim como a democracia poderia ser o resgate da hegemonia. No entanto, com o surgimento do proletariado e da burguesia, a classe hegemônica obrigasse a desenvolver novas formas de dominação, desta maneira estava entre usar do poder militar para manter-se ou disputar espaço no sistema político, portanto,

Faced with the rise of the middle-class, it chose the latter, redoubling the specifically cultural and ideological dimension of hegemony (mystique of aristocracy, etc) and progressively dissolving its immediate opponent by selective co-opt- ation to its own ranks. The new unified bloc then turned to contain the proletariat. There was no possibility of dissolving this as a class, but the incorporation of the industrial bourgeoisie into the dominant bloc supplied a substitute second weapon: the sheer strength of massed capital. (1965, p.49)

Deste modo, o autor explica como está estruturado o poder da classe hegemônica, e como desenvolveu e reforçou seus aparatos para manter sua dominação. Logo, nos momentos que o Partido Trabalhista esteve no poder, este foi cercado sendo fragilizado pela indústria, a imprensa, e assim massacrado por não conseguir disputar a narrativa da “opinião pública”.

No terceiro e último ponto de seu artigo, após ter desenvolvido narrativas acerca da evolução da estrutura de classe, capitalismo inglês, assim como também das duras críticas aos intelectuais que lhe antecederam, é neste ponto que o autor entrelaça a relação presente-passado-futuro que havia colocado inicialmente em seu

artigo. Para o autor a crise é compreendida por uma doença geral da sociedade, por um processo entrópico lento e doentio: “uma economia torpe, uma educação comprimida e regressiva, um ambiente urbano apático, uma classe governante desmoralizada, um desvalorizado provincialismo cultural” (1965, p.50). Portanto,

The crisis, then, is a logical outcome of the long pilgrimage of British capitalism from its origins to its present precarious position within the world of the second half of the 20th century. As a result of it, the dominant bloc in Britain today must, if it is to preserve its hegemony, undergo yet another metamorphosis. Re-enacting the past has not restored it: the class now, in the main, realizes that it must change itself once again. The international pressures of contemporary capitalism require a radical adaptation. The unfinished work of 1640 and 1832 must be taken up where it was left off. (1965, p.53)

Logo, fica bastante explícita a visão de que o principal elemento dessa crise advém do processo e das incursões da classe dominante no desenvolver do capitalismo inglês. No entanto, para Anderson a “presente crise” oferece uma oportunidade ao movimento trabalhista, e que para o autor este movimento terá primeiro que transformar-se, expressa assim que o desafio de uma transformação socialista na sociedade inglesa somente ocorrerá com um movimento de socialismo autêntico.

De todo modo, podemos compreender que ao buscar apresentar uma historiografia diferencial e totalizante da sociedade britânica em uma narrativa em que relaciona presente-passado-futuro, seus argumentos nos possibilitam inúmeras interpretações, e mais do que compreender propriamente a crise ou história da sociedade capitalista britânica e sua estrutura de classe. Portanto, em seu artigo percebe-se também seu intento em buscar diferenciar-se dos historiadores que lhe antecederam. Destarte a resposta a isso pode ser compreendida pelo próximo artigo, “The peculiarities of English”, texto de E.P Thompson em resposta ao “Origins”.

### 3.2 THE PECULIARITIES OF ENGLISH (1965)

As peculiaridades dos ingleses, em suma pode ser compreendido pela seguinte citação “aconteceu de um jeito na França e de outro na Inglaterra” (THOMPSON, 2001, p.100). As disputas entre narrativas ficam bastante evidente já no início de seu artigo, dividido em cinco partes. Na primeira parte, Thompson inicia

situando as motivações que configura o propósito de sua produção textual. Assim, o autor coloca que passados três anos da posse<sup>18</sup> da nova direção da *New Left Review*, revista a qual já não compõe o corpo editorial, este se propõe a fazer uma análise da tendência geral da revista, compreendidas pelo autor em três áreas principais, sendo a primeira “análise do “Terceiro mundo”, a segunda sobre “definições da teoria marxista”, e a terceira compreendida como um “ambicioso trabalho de análise da história e estrutura social britânicas”. Thompson explicitamente expressa que seu artigo tratará de examinar a segunda e a terceira, centrando-se nos artigos<sup>19</sup> de Anderson e Tom Nairn<sup>20</sup>.

Para o autor, esse conjunto de artigos representam uma audaciosa tentativa de desenvolver um estudo histórico da sociedade britânica, e que o principal é “Origins of de Present Crisis”, para Thompson embora o trabalho de Nairn seja menos inspirado, tanto Anderson quanto Nairn habitam o mesmo universo mental. Portanto,

De ponta a ponta, há, realmente, em suas análises, um inconfesso modelo de Outros Países cuja simetria tipológica oferece uma reprovação ao excepcionalismo britânico. Cotejada com este modelo, a classe trabalhadora inglesa é “um dos enigmas da história contemporânea”,<sup>21</sup> a experiência histórica da burguesia inglesa foi “fragmentada, incompleta”,<sup>22</sup> e os intelectuais ingleses não constituíram “uma verdadeira *intelligentsia*”. (THOMPSON, 2001, p.79)

Logo, referindo-se as afirmações de Anderson-Nairn, Thompson expõe os argumentos dos dois autores, e que o uso deste modelo se aproxima de forma bastante precisa com o da experiência francesa. Nesta perspectiva, segundo Thompson, a “experiência inglesa falha em três importantes aspectos”. Primeiramente “no caráter prematuro e incompleto da revolução do século XVII”, e por consequência a burguesia industrial não conseguiu obter hegemonia, ocorrendo assim uma “simbiose sistemática e deliberada entre a aristocracia terratenente e a burguesia industrial”; Segundo aspecto compreendido pelos termos religiosos ao

<sup>18</sup> Lembrando com vimos no capítulo anterior, no ano de 1962, Perry Anderson assume a diretoria da *New Left Review*.

<sup>19</sup> Em nota de rodapé o autor cita estes artigos: “Perry Anderson, “Origins of the Present Crisis,” *New Left Review*, 23; Tom Nairn, “The English Working Class,” *NLR*, 24; “The British Political Elite,” *NLR*, 23; “The Anatomy of the Labour Party—1,” *NLR*, 27, and “The Anatomy of the Labour Party—2,” *NLR*, 28”.

<sup>20</sup> Como já citado no capítulo anterior, também em nota de rodapé. Tom Nairn desenvolveu junto com Anderson diversos artigos. Nairn, foi um dos grandes intelectuais britânicos da segunda *New Left*.

<sup>21</sup> NAIRN, 1964, p.43, apud THOMPSON

<sup>22</sup> ANDERSON, 1964, p.40, apud THOMPSON

qual foi conduzida a revolução do século XVII, e que a burguesia não tendo desenvolvido uma visão de mundo que pudesse disputar o poder hegemônico se “satisfez com uma “ideologia” do “empirismo””, deste modo, o legado ideológico da burguesia teria sido quase nulo. E o terceiro e último, é sobre a revolução burguesa ter sido prematura, e por tal situação deu origem a também a “um movimento prematuro da classe trabalhadora, cujas heroicas lutas durante a Revolução Industrial foram anuladas pela ausência de crescimento teórico”, pois como no texto de Anderson, o marxismo chegou tarde à classe trabalhadora, assim como pela pouca disponibilidade de uma teoria socialista estruturada. Que, portanto, o movimento trabalhista do pós-1880 anulou sua experiência por expressar virtudes corporativas e se sujeitar a uma ideologia que imita de forma empobrecida o “banal empirismo da burguesia”. Assim, Thompson coloca que,

Anderson nota a completa ausência de qualquer história global séria da sociedade britânica e a “covardia da nossa historiografia”. Nenhuma tentativa foi feita para pelo menos esboçar uma história totalizante da sociedade britânica moderna. Nairn descobre que não há “sequer um debate histórico rudimentar visando ao desenvolvimento total da sociedade britânica”. Mas nossos exploradores são heroicos e missionários. Nós seguramos nosso fôlego enquanto a primeira incursão marxista é feita por essa *northland* inexplorada. (THOMPSON, 2001, p.81)

Em tom sarcástico o autor expressa sua compreensão sobre o significado do intento de Anderson-Nairn, e como as características de seus estudos demarcam tons de arrogância ao desconsiderar as tradições intelectuais anteriores, “há uma crescente sensação de suspense enquanto eles – os Primeiros Marxistas Brancos – abordam os estarecidos aborígenes” (THOMPSON, 2001).

Na parte dois de seu artigo, Thompson começa abordando “Origins”, centrando-se a tentar compreender a narrativa de Anderson e Nairn e as relações da aristocracia e burguesia na revolução do século XVII. Segundo o autor, na análise de Anderson,

[...] a revolução efetuou *certas* mudanças na superestrutura institucional, removendo obstáculos cruciais ao desenvolvimento capitalista na metrópole e nas colônias, mas o confronto entre as forças sociais foi, em outros aspectos, dúbio, deixando partes da superestrutura feudal (ou pós-feudal, transicional-paternalista?) intactas. (THOMPSON, 2001, p.82)

Portanto, nessa descrição a revolução destruiu os obstáculos jurídicos e institucionais do feudalismo para o desenvolvimento econômico, e que, no entanto, transformou os papéis<sup>23</sup>, mas não a pessoas da classe dominante, e que para o autor tal descrição é verdade, porém pouco original.

Thompson afirma que os estudos de Anderson e Nairn não são capazes de conceber a compreensão de “uma classe agrária, *rentier* ou empresarial, como uma verdadeira burguesia” (2001, p.84)<sup>24</sup>. Assim, detalha a concepção dos dois autores.

Ao tratar da compreensão de Anderson, Thompson coloca que os proprietários de terra são compreendidos como uma classe basicamente capitalista, e que não há nenhuma “contradição antagônica” entre a velha aristocracia e nova burguesia, e que na análise do desenvolvimento do século XIX a aristocracia e classe média industrial são compreendidas como “classes sociais distintas” e que logo após 1832 sofreram uma “simbiose”. E na compreensão de Nairn, os proprietários de terra são protagonistas de uma civilização distinta num caminho entre o feudal e o moderno, “a elite política aristocrática, suas instituições e seus etos eram <sup>25</sup> “a emanção de uma classe social distinta, independente e separada dos conflitos e questões principais da sociedade capitalista urbana””(2001, p.85). Thompson também situa como nestas produções, as questões ideológicas são compreendidas, que cada classe projetou uma ideologia: a classe latifundiária sendo o “tradicionalismo”, e o “empirismo” compreendido pelo a experiência incompleta da burguesia.

Para Thompson essas compreensões são problemáticas, isto é, devido ao equivocado uso do modelo francês, assim propõe analisar de forma diferente, se, “(...) pensarmos, antes, no modo capitalista de produção, então claramente deveremos seguir Marx, vendo os proprietários de terra e os *farmers* como um *nexus* capitalista muito poderoso e autêntico” (2001, p.86). Logo para o autor, não é concebível a afirmação de que a revolução transformou um conjunto de proprietários de terras em uma classe basicamente capitalista, pois “onde a lã ou a produção de

<sup>23</sup> Papéis esses econômicos, políticos e religiosos, podemos ver isso em “Origens: “Os principais protagonistas de ambos os lados eram uma classe rural, não urbana. O conflito entre eles girava em torno do papel econômico, político e religioso da monarquia” (ANDERSON,1965, p.28.)

<sup>24</sup> Thompson explica isso numa nota nº16: “ Nisso eles diferem Marx, cuja análise abreviada da gênese do capitalismo, em *O Capital*, trat largamente do capitalismo agrário, declarando inequivocadamente: “[...] no sentido categórico, o *farmer* é um capitalista industrial, assim como o fabricante ” (Dona Torr (org.), *O capital*, 1939, p. 774, n 2 )apud THOMPSON, 2001, p175

<sup>25</sup> Thompson cita o artigo de Nair, “The British political elite”( pp.20.1.)

mercadorias de Londres e os mercados urbanos predominavam, este processo já estava muito avançado” (2001, p.86), assim como a revolução também não efetuou uma aceleração, visto que, segundo o autor “o equilíbrio de forças sociais era tal que as consequências plenas da revolução foram retardadas por cem anos” (2001, p.87). De todo modo, para Thompson,

O que estava em questão, de um lado, era exatamente uma redefinição capitalista tanto do “estatuto básico da propriedade” (do “antigo direito” à “lei natural” e renda) quanto do modo e da racionalidade de produção (de uma quase auto-suficiência ao comércio de mercadorias visando o lucro), bem como das relações produtivas (das compulsões orgânicas do senhor e da guilda às compulsões atomizadas do mercado de trabalho livre), e isso implicou um amplo conflito e a redefinição de todos os níveis. (2001, p.87)

Assim, nesta concepção o que ocorre é redefinição capitalista do estatuto básico da propriedade, assim como da racionalidade da produção e das relações produtivas. Desta maneira, para Thompson, “(...) é impossível sequer compreender as origens do capitalismo inglês se esquadriharmos, com olhos parisienses, as “provinciais” atrasadas, vendo nos proprietários de terra apenas uma aristocracia feudal “com traços burgueses” (2001, p.88). Portanto, fica demasiadamente evidente em sua escrita a explícita contestação a narrativa de Anderson e ao uso equivocado do modelo francês.

Para o autor a revolução “confirmou um título, não o da nova propriedade, mas o já existente, um título que estava ameaçado pelas exigências descontroladas da monarquia” (2001, p.88), e que após iniciada a revolução apareceu uma ameaça a propriedade, esse entendimento prefigurado em 1688, segundo o autor, registra não um “meio caminho alojado no “feudalismo” e “capitalismo”, nem um ajuste entre uma tenaz superestrutura feudal e uma embrionária base capitalista” (2001, p.88), mas sim compreendido por,

[...] um arranjo afinado com o equilíbrio das forças sociais naquele momento – tão delicadamente elaborado, e mesmo assim, nas suas ambiguidades, tão flexível que iria durar não apenas uma centena de anos de relativa estase social, mas também através dos subsequentes 50 anos das revoluções duais. (2001, p.89)

Pois para o autor, os que se beneficiaram desse entendimento foram aqueles com propriedades substanciais, em especial, proprietários de terra, que foram as pessoas representadas no parlamento. Assim, expressa, que no século



XVIII, foi o capitalismo agrário que assenhorou-se plenamente dessa herança, e que,

Em torno da *gentry*, associaram-se (como Anderson nos lembra) “grupos afins”, não apenas o capitalismo mercantil propriamente, mas também a (largamente dispersa) indústria manufatureira, ainda em busca do abrigo protetor do Estado. O capitalismo agrário ascendente acarretou não apenas melhorias nas formas de arrendamento e cercamentos, mas também mudanças de largo alcance nos negócios, moagem, transporte, comércio de exportação e importação. (2001, p.90)

Portanto, segundo o autor, nesse contexto, por ser um grupo social compreendido por suas riquezas e influências políticas, assim como dona de metade das terras do país, esse grupo – a *gentry* – determinava os “padrões de poder local”. Desta maneira, estes combinaram, segundo o autor, “seu estilo de vida, características de uma cultura agrária e urbana” (2001, p.92), assim a *gentry* no século XVII gerou uma classe capitalista bastante “bem-sucedida e autoconfiante”, visto,

Suas elegantes capitais provincianas e suas sólidas cidades comerciais proporcionavam alguma vida social em épocas de baixa estação, seus filhos foram urbanizados em Oxford e Cambridge, no London Inns of Court e nas viagens pela Europa, e suas filhas e esposas, na vida social de Londres. (2001, p.92)

E se na vida social poderia se acentuar tais peculiaridades, não somente estas, assim destaca Thompson, que o importante momento de transição ocorre meados do século, quando “integrantes de *gentry* (incluindo os magnatas aristocráticos) deixaram de perceber suas funções em termos mais *passivos*” (2001, p.93), isto é, seus rendimentos estáveis, e passaram a ambicionar crescimentos maiores de suas receitas. Para o autor, é possível perceber isto nos periódicos de negócios, “*Annals of agriculture*”, em que se percebem seus engajamentos em discussões sobre “vantagens da adubação, custos dos cercamentos e criação de gado”, e que isto expressa o estilo de pensamento profundamente capitalista. Assim,

Supõe-se comumente (fato subestimado por Anderson e Nairn, mas, certamente não por Marx, que a contribuição específica da ideologia inglesa no final do século XVIII não tenha sido nem o tradicionalismo nem o empirismo, mas uma economia política naturalista (mais notadamente com Adam Smith). (2001, p.93)

Thompson de forma didática expõe como os argumentos de Anderson-Nairn a respeito do legado ideológico da revolução estariam equivocados, e que pelo viés de Marx, fica bastante possível compreender a contribuição ideológica inglesa ao final do século, compreendida na economia política naturalista.

Para o autor, o *laissez-faire*<sup>26</sup> contextualiza-se pelos eventos subsequentes de 1832, os conflitos de interesses agrícolas e manufatureiros, mais especificadamente as disputas acirradas sobre a “alíquota de importação de produtos agrícolas estrangeiros” (2001, p.93) que foram drasticamente reduzidas, satisfazendo deste modo os interesses não-intervencionistas do *laissez-faire*, e, esta, segundo o autor,

[...] emergiu não como a ideologia de algum *lobby* manufatureiro nem como a lorota intelectual produzida pela industrial têxtil algodoeira, mas no grande cinturão cerealista. O argumento de Smith deriva, em grande parte, da agricultura: um dos seus principais oponentes era a regulamentação paternalista do comércio de cereais, que – mesmo em um avançado estágio de decomposição real – era, contudo, sustentado por um substancial corpo de teoria econômica paternalista e por uma enorme força do sentimento popular (e urbano). (2001, p.94)

Logo, para o autor, essa revogação da velha economia moral, não é uma obra da burguesia industrial, mas de “fazendeiros capitalistas, proprietários de terras partidários do progresso técnico, grandes moageiros e comerciantes de cereais” (2001, p.94). E assim, expressa que foi esta ideologia que possibilitou durante as guerras napoleônicas uma relação “(...) que ligava os interesses do algodão e os da terra. As primeiras administrações profundamente imbuídas da perspectiva do *laissez-faire* foram não aquelas formadas após 1832, mas as de Pitt, Percival e lorde Liverpool” (2001, p.94). Portanto, para o autor “é difícil ver como a experiência desta classe, que usufruiu desta longa ascendência e deu à luz esta ideologia, pode ser descrita como “fragmentária” ou “incompleta”” (2001, p.94). Pois, segundo este, é bem verdade que essa mistura de capitalista-agrária inglesa é uma excepcionalidade, vista que, “toda situação histórica real” advém de um equilíbrio de forças particulares, logo então, “se não a lugar para ela no modelo, é este que dever ser abandonado ou refinado” (2001, p.95).

---

<sup>26</sup> Laissez-faire é uma expressão francesa, esta simboliza o liberalismo econômico, isto é, na lógica do livre mercado, sem qualquer interferência, tendo apenas regulamentos que proteja os direitos de propriedade.

Desta maneira, Thompson segue contestando a narrativa de Anderson-Nairn, expressando que a dificuldade destes autores é de compreender o processo do capitalismo (agrário e mercantil) do século XVIII para capitalismo (Industrial) do século XIX, assim indaga “eram capitalistas agrários e industriais grupos diferentes com interesses diferenciados no interior de uma mesma – e ampla – classe social ou eram classes sociais distintas?” (2001, p.95). Logo,

[...] como dar conta do conflito (realmente considerável) ocorrido em 1832? O que *era*, de qualquer modo, a “Velha Corrupção”? O que particularmente os incomoda é o fracasso da burguesia industrial em levar a cabo uma experiência “jacobina” avançada, como qualquer burguesia bem alimentada e educada deve fazê-lo. (2001, p.95)

Para Thompson, o modelo empregado pelos autores não “dá conta” de compreender os conflitos desse período, e que tais classes “*eram* de fato distintas, ainda que não tão hermeticamente impermeáveis entre si a ponto de serem irreconciliáveis os antagonismos” (2001, p.95). E assim, no uso deste modelo, o termo “capitalismo agrário” foi substituído por “aristocracia”, assim:

[...] duas forças (nos dizem eles) eram tão incompatíveis em interesses e pontos de vista que nenhum compromisso era possível, mas, num piscar de olhos, descobrimos a  *fusão* de uma com a outra. A decepção lógica é encoberta por uma insinuação de que não se tratava de uma fusão genuína, já que a aristocracia, em face da inevitável fraqueza política e ideológica da burguesia emergente, sobreviveu como governante do sistema capitalista mais dinâmico do mundo. (2001, p.96)

Thompson contesta essa narrativa, para o autor é este um embuste dialético. Percebe-se então que o uso dos termos/conceitos distorce – nessa perspectiva de Thompson – a narrativa histórica, pois empregar tal conceito é impor aquela classe costumes e mentalidades que não era seus. Logo,

Estou-me opondo a um modelo que concentra a atenção sobre um episódio dramático – “a” Revolução –, ao qual tudo o que vem antes e depois deve ser relacionado e que institui um tipo ideal desta revolução contra o qual todas as outras devem ser julgadas. Mentres que anseiam por um platonismo asseado logo se tornam impacientes com a história real. (2001, p.99)

Como o próprio autor coloca “aconteceu de um jeito na França e de outro na Inglaterra”, o uso deste modelo distorce a narrativa histórica inglesa em sua percepção, e é a este que se opõe. Pois “quando levado para a Inglaterra, o modelo

nos empurra sub-repticiamente na direção de uma tentativa que explique, conjuntamente, 1832 e os distúrbios em torno da Corn Laws<sup>27</sup>” na tentativa de uma reprodução frágil do conflito francês, portanto, segundo o autor, as diferenças nos modos/vida da aristocracia e uma *gentry* capitalista tornam-se indistinta frente a uma composição esquemática aceitável.

Thompson argumenta que é possível oferecer outras explicações sobre o conflito de 1832, nos atenta também sobre como “os marxistas geralmente buscam reduzir os fenômenos políticos ao seu “real” significado de classe e, frequentemente, na análise, deixam de reconhecer uma distância suficiente entre um e outro” (2001, p.100). Assim, ao analisar a elite governante na Inglaterra antes de 1832, Thompson coloca que “o acordo de 1688 inaugurou um século de relativa estase social no que diz respeito a um conflito de classe aberto ou a um amadurecimento da consciência de classe” (2001, p.101), logo, segundo o autor, os principais beneficiados foram a *gentry*, e que, no entanto, isso não significa “que as instituições governantes representassem desqualificadamente a *gentry* como uma “classe dominante” (2001, p.101).

O autor expressa ainda que no longo período de “estase social, são comuns a degeneração das instituições predominantes, o estabelecimento de corrupção, a obstrução dos canais de influência e o entrincheiramento de uma elite em posição ao poder” (2001, p.101). Assim, desenvolveu-se uma distância entre a “baixa e média *gentry* (e grupos associados) e certos grandes magnatas agrários, comerciantes capitalistas privilegiados e seus parasitas, que manipularam os órgãos estatais em prol de interesses particulares” (2001, p.101).

Portanto, para o autor, esta não teria sido uma simples tensão de “classe”, isto é, entre uma aristocracia de grandes magnatas e a baixa *gentry*, pois “certos magnatas estavam “lá dentro”, e a influência oscilou de acordo com a política faccionária, a diplomacia de conexão de grandes famílias, o controle de distritos e tudo o mais” (2001, p.102). Assim, Thompson coloca que o exercício do poder na segunda metade do século XVIII poderia ser compreendido pelo texto de Lewis

---

<sup>27</sup> O já citado conflito em torno da alíquota de importação de produtos agrícolas estrangeiro, e os interesses do *laisser-fair*. Assim a Corn Laws, refere-se as leis de proteção aos cereais, organizando um conjunto de leis que limita a exportação e importação, e *laisser-fair* é o termo que simboliza o liberalismo econômico.

Namier<sup>28</sup>, “*The structure of politics*”, e que, no entanto, este “não tenha prosseguido e caracterizado tal exercício de poder como um sofisticado sistema de banditismo, que deveria ser visto menos como um governo de uma aristocracia” (2001, p.102), e mais precisamente pelo “parasitismo – uma maracutaia em que o próprio rei não poderia entrar sem se tornar o crupiê” (2001, p.102), assim, de todo modo, argumenta Thomson,

Não era de todo um parasitismo: os negócios da nação tinham de ser levados adiante, de tempos em tempos a *gentry* “independente” – e seus representantes no Parlamento – tinham de ser contemplada. Havia mesmo ocasiões – embora tenha sido, uma após outra, questionadas à medida que os discípulos de Namier violaram os arquivos dos últimos dos grandes mafiosos – em que os interesses da nação ou da classe, mais que os da família ou facção, eram considerados. (2001, p.102)

Logo, podemos, a partir dessa ótica, compreender as características do exercício do poder na metade do século XVIII, e que nessa perspectiva, nessa estruturada relação, esta seguia influenciando “Exército, Marinha, companhias exploradoras de concessões reais, Igreja, magistratura” (2001, p.102), que segundo o autor (2001, p.103) “não havia escolha a não ser congelar-se em algo semelhante a um estado, envolver-se em um casulo de apologética ideológica e nutrir um estilo de vida de consumo” bastante distinto “que é associado à verdadeira aristocracia” (2001, p.103). E, deste modo, segundo o autor, estes “bandoleiros constitucionais vieram, não sem razão, a confundir-se com seus primos franceses, prussianos e até russos” (2001, p.103), no entanto, estes não constituíram plenamente uma classe dominante aristocrática, “ela não foi... nada, a não ser si mesma. Uma formação única. A Velha corrupção” (2001, p.103).

Para o autor esta velha corrupção provavelmente não teria sobrevivido ao século XVIII, isto é, se a Revolução Francesa “providencialmente” não tivesse aparecido para salvá-la. E ao mesmo tempo em que foi imensamente influente também gerou ressentimentos, pois aqueles que não lograram ascender e que de algum modo não obtiveram benefícios, estes tinham olhares bastante críticos a Velha corrupção. E se,

---

<sup>28</sup> Em nota de rodapé coloca que Sir Lewis Namier (1888-1960); historiador inglês (nascido na Polônia) cujas obras influentes sobre a história do século XVIII enfatizaram as relações pessoas da classe dominante, negando a importância de questões políticas mais ampla”, *idem*, p.102

A Revolução Francesa salvou a Velha corrupção por razões evidentes. (Aqui ao menos estou de acordo com Anderson e Nairn). A inimizade entre a *gentry* e os fazendeiros evaporou o ápice dos cercamentos e dos preços dos cereais. Pitt, outrora um filho dileto dos associados, conseguiu, em alguma medida, racionalizar o Estado. A burguesia industrial foi mantida de bom humor. Seu maquinário foi protegido, os sindicatos, reprimidos, a legislação de proteção ao trabalho desmantelada. (2001, p.104)

Assim, o autor explica como essa relação ainda que conflituosa se “resolveu” quando alguns interesses demandados são satisfeitos. Em seguida, descreve como essa “simbiose” entre riqueza agrária, comercial e manufatureira se desenvolve nos níveis da área política, social e econômica, no entanto, essa “Velha Corrupção emergiu das guerras, apesar de todas as modificações, quase do mesmo jeito que nelas havia ingressado” (2001, p.104). E neste sentido, segundo o autor, esta emerge de forma ainda mais parasitária que anterior, e, portanto, há de ser ter certa “cautela na caracterização de 1832. O inimigo dos reformadores não era o estado aristocrático nem a classe capitalista agrária como um todo, mas um complexo desses secundários de interesse predatórios” (2001, p.104). Porém, como destaca Thompson, a burguesia industrial ainda insatisfeita, desempenha um papel mesmo que “de longe mais ativo que o verificado nas agitações reformistas anteriores” (2001, p.104), assim como parte bastante considerável da *gentry* também permanece insatisfeita. Logo, na “década de 1770 em diante, o movimento pela reforma encontrou apoio na *gentry*, e de seu meio muitos egressos (Cartwright, Wyvill, Burdett, Hunt), ao passo que Cobbet sempre possuíra público entre os fazendeiros” (2001, p.104-105), e assim nas eleições que precederam a 1832, “a Velha corrupção agarrou-se à maioria de seus próprios burgos podres, mas os condados (onde, confessadamente, havia muitos votos urbanos) foram ganhos pela reforma” (2001, p.105), portanto, como coloca Thompson, a reforma do Parlamento ocorre num conflito entre “uma facção da *gentry* e grandes magnatas contra outras” (2001, p.105). De tal maneira, o autor coloca que quando veio esse confronto, a Velha Corrupção percebe-se frágil, e que, portanto, se de fato tivesse “havido uma confrontação direta entre burguesia industrial e agrária, então a revolução teria ocorrido”, porém,

[...] à medida que a crise se revelou, pareceu crescentemente que “a Coisa” e o povo estavam “em jogo”. E isto também explica por que é tão tentador afirmar que os beneficiários do acordo de 1832 foram as “classes médias”. Se a burguesia industrial foi excluída do jogo político em 1688, não foi

porque sua propriedade fosse industrial, mas porque eram insignificantes. (2001, p.105)

E neste sentido, para o autor, ao se tornarem mais substancial, no “ano de 1832 trocou não um jogo por outro, mas as regras do jogo”, e que neste contexto “restaura-se” a flexibilidade de 1688, fornecendo deste modo uma relação à qual “nova e velha burguesia” podiam ajustar seus interesses e conflitos de forma menos tensa. Portanto, segundo Thompson, estes conflitos se situavam para além dos interesses diretos, compreendiam também concepções seja no “estilo de vida, religião, eram consideráveis; porém assim também eram as forças de atração” (2001, p.105), se de um lado se envolvem no conflito da Corn Laws, do outro “devemos situar a existência de um inimigo comum no cartismo, o *boom* ferroviário, ao qual o Parlamento ainda abarrotado de *gentry* deu bênçãos tardias, e os benefícios partilhados pela *gentry*” (2001, p.106). Assim, Thompson coloca que nesse processo o papel da burguesia industrial não fora heroico, haja vista que a condução do Parlamento era feita por parte da *gentry* e de advogados, e aos plebeus radicais ficou a maior e a parte mais difícil da agitação, deste modo a burguesia industrial adentrou nas brechas abertas por esses contestadores, e “em seguida, alargaram sua influência em geral conforme o ritmo do seu avanço sobre o poder socioeconômico real”.

Anderson conclui que a “coragem” da burguesia industrial esvaiu-se após 1832. Mas que necessidade essa burguesia tinha de coragem se o dinheiro melhor lhe servia? Por que empunhariam armas contra a primogenitura se, com rapidez crescente, a terra estava tornando apenas mais um interesse, ao lado do algodão, ferrovias, ferro e aço, carvão, navegação e finanças? Classes não existem como categorias abstratas – platônicas –, mas apenas à medida que os homens vêm a *desempenhar* papéis determinados por objetivos de classe, sentindo-se *pertencentes* a classes, definindo seus interesses tanto entre si mesmos como contra outras classes. (2001, p.107)

Desta forma, Thompson contrapõe a narrativa de Anderson, isto é, acerca da “coragem” da burguesia industrial, e para o autor são esses interesses que explicam tal processo, e são ainda esses que molduram os papéis dessa classe. E compreendendo os conflitos de 1760 e 1832, o autor entende que,

[...] há certamente momentos que a *gentry* e os manufatureis parecem oferecer os pólos em tornos dos quais a instituições antagonistas de classe podem, de fato, ser vistas: magistratura e Igreja, de um lado, e encontros

quacres ou unitaristas e crescimento da imprensa de classe média de outro. (2001, p.107-108)

No entanto, para Thompson, ainda em certos momentos em que *gentry* e os fabricantes parecem apresentar-se como polos antagônicos de classe, foram os interesses (economia, política, ...) em comum que colaboraram para que esses dois grupos estabelecessem relações menos conflituosas, assim “ao contrário, a ‘simbiose’ entre esses dois grupos sociais já estava bem avançada” (2001, p.108). Thompson então refuta a tese de Anderson-Nair, na qual a aristocracia teria emergido desses conflitos “como “senhor” e “vanguarda” do “controle do Estado”, assim, primeiramente coloca que “o acordo de 1832 permitiu a perpetuação de certas instituições “aristocráticas”, áreas de privilégios e um estilo de vida aristocrático” (2001, p.108), assim como também “forneceu algumas contribuições ao “ethos” do grupo dirigente (embora não o “ethos dominante”) e às normas de liderança que (como Anderson destaca) se mostrariam valiosas na administração do Império” (2001, p.108-109). Contudo, o autor destaca que, no plano do governo local a influência aristocrática foi deslocada, o Corpo de Guarda e os órgãos do governo municipal eram instituições urbanas e burguesas, assim como a força policial situava-se num modelo burguês-burocrático. Tanto que,

Se o modos aristocráticos foram perpetuados na *City* londrina, eles foram muito menos evidentes nas grandes instituições do capitalismo industrial. Se a Velha Corrupção ainda preside Oxford e Cambridge, em Londres, universidades públicas, as faculdades técnicas etc. desde logo se desenvolveram sob padrões diferentes. Se o privilégio aristocrático persistia nas Forças Armadas, seu controle da imprensa começou a fraquejar mesmo antes de 1832 e nunca obteve sobre os meios de comunicação mais recentes. (2001, p.109)

Nesta narrativa, em referência a Anderson, Thompson contesta a argumentativa de que a força de dominação hegemônica da aristocracia se estabelecia sua influência nesta “lista impressionantes” (Câmara dos Lordes, As Forças Armadas, Oxford, Cambridge, a *City* londrina e as instituições do império) de instituições na sociedade inglesa, “logo, com o mais breve exame da evidência comumente observada, o quadro aparece muito distinto do retrato excessivamente estridente de nossos autores” (2001, p.109). No entanto, coloca que

Mesmo assim, a influência aristocrática é formidável. Mas, para apresentar a aristocracia como uma “vanguarda”, há de se mostrar uma série de



momentos históricos significativos, nos quais tal influência foi, direta e efetivamente, oposta a importantes interesses da burguesia então emergente. Momentos Assim podem ser encontrados (a Velha Corrupção transplantou sua bandeira, após 1832, para o Castelo de Dublin), mas não são comuns, sendo geralmente ambíguos ou insignificantes em seus resultados. (2001, p.110)

Assim, para Thompson, há de certa maneira uma influência aristocrática, no entanto, não nos moldes apresentados por Anderson. Então, recorre a *English constitution*, de Bagehot (1867), e que segundo o Thompson tanto Anderson quanto Nairn “parecem ter menosprezado”. Para o autor, Bagehot é apresentado “não como um cientista social, mas como um momento interessante da ideologia burguesa. Ele deu às classes médias uma apologia das partes aristocráticas da Constituição” (2001, p.112), isto é, “no melhor dos termos burgueses” que “proporcionaram segurança” e “ajudaram a manter a classe trabalhadora em ordem” (2001, p.112).

Em seguida coloca que a história não funciona neste “cinismo azeitado” proposto por Bagehot, pois, segundo Thompson, “o ethos da aristocracia” de certa maneira ainda possuía uma vida própria e bases reais para um crescimento continuado. Thompson traz à baila a descrição de Beatrice Webb<sup>29</sup> sobre aristocracia que esta coloca como “uma substância curiosamente escorregadia” (WEBB, apud THOMPSON, 2001, p.113), e que faz isso contrapondo Anderson no uso do esquema de Sartre de “totalidade sem totalizador”, assim coloca que “a admissão à elite não constava, de fato, das prerrogativas da aristocracia. Esta, antes disso, registrava essas mudanças flutuantes de poder e que ocorriam em qualquer outra parte e honrava uma “sociedade” que veio a existir independente de sua influência” (2001, p.114).

Em sequência no texto, Thompson discorda também da narrativa de Anderson sobre elemento principal da “nossa crise atual”, em que coloca que a “racionalização capitalista está hoje aleijada por sua herança aristocrática” (2001, p.114), logo, Thompson diz que, “penso que nossos autores”, se referindo a Anderson e Nairn, “leram mal nossa história e confundiram o verdadeiro caráter de nossa classe dirigente” (2001, p.115), que para o autor, o tom da narrativa de

---

<sup>29</sup> Em nota de rodapé o autor descreve ela e seu marido Sidney Webb como “autores de *‘The history of trade unionism* (1984) e *Industrial democracy* (1920). O casal foi fundador da Fabian Society, da London School of Economics, do Reconstructed Labour Party, da *New Statesman* e da *Political Quarterly* (cf. Harvey Kaye, *The British marxismo historians*. Cambridge: Polity Pressa, 1984, p.136)”

Anderson-Nairn tem “uma incomoda afinidade com aquele diagnóstico jornalístico sobre qual a enfermidade britânica que afirmam desprezar” (2001, p.115). Portanto,

O senhor David Frost, o senhor Shanks e o camarada Anderson estão dizendo coisas diferentes, mas há a mesma rispidez em cada voz. Uma grande parte do que dizem é verdadeiro, porém o que me alarma são as coisas que nenhum deles diz: que há, ao mesmo tempo, certas forças e tradições humanas na vida britânica de que Outros Países (incluindo aqueles cujos aeroportos são soberbos, cujo marxismo é maduro e cuja mercadologia é altamente poderosa) nem sempre dispõe. (2001, p.116)

Pois para Thompson, ainda que este concorde com muitas das colocações desses autores, discordando de outras é claro, tais autores não valorizam as peculiaridades da história inglesa, suas narrativas não dizem sobre as tradições inglesas. Thompson finaliza essa segunda parte do artigo coloca que “a velha Corrupção faleceu”, porém há um novo e completamente diferente complexo predatório que atua pelo Estado e demais intuições inglesas, e que talvez seja a esse que as análises devam ser dirigidas.

Na terceira parte do artigo, Thompson inicia abordando a concepção da “ideologia inglesa”, ele critica severamente a narrativa de Anderson sobre: a ideologia da Revolução não ter fundando nenhuma tradição significativa devido os termos religiosos em que foi disputada; o “empirismo cego” da burguesia; e como esta burguesia não transferiu impulsos de libertação e nem valores revolucionários, somente os “germes mortais” do utilitarismo. Assim, Thompson destaca quatro pontos importantes sobre a narrativa de Anderson-Nairn, a primeira compreendida por terem ignorado a importância da herança protestante e democrático-burguesa; a segunda por desconsiderarem a importância da economia política capitalista como ideologia anuência e articulada; a terceira por desconsiderarem a contribuição dos cientistas naturais britânicos, compreendida em mais de três séculos; e a quarta e última, por terem confundido o idioma empírico com uma ideologia. Pois para o autor,

A questão não é correr em defesa das tradições intelectuais britânicas, ou minimizar suas limitações características. É, sim, pedir uma análise mais serena e informada, que leve em conta, de algum modo, sua efetividade histórica. Mau humor não é instrumento cortante particularmente eficaz. (2001, p.118)

Neste ponto, Thompson evidencia sua posição quanto às narrativas de Anderson-Nairn, e como a análises desses autores, aos olhos de Thompson, desprezam características importantes da história inglesa.

Voltamos então aos quatro pontos destacados pelo autor. Primeiro, “ignoraram a importância da herança protestante”, pois para Thompson a Revolução inglesa havia sido disputada em termos religiosos “não porque seus participantes estavam confusos com relação aos seus interesses, mas porque a religião *importava*” (2001, p.119), e que as guerras em certa medida eram em torno da autoridade religiosa, assim como “um direito de propriedade do homem sobre sua própria consciência e lealdades religiosas tornara-se tão real quanto (e momentaneamente *mais* real que) direitos de propriedade econômica” (2001, p.119).

A segunda, por desconsiderarem a importância da “economia política capitalista como ideologia anuência e articulada”, sobre a gênese da economia capitalista expressa que “foi uma ideologia altamente estruturada e, de longe, mais sistemática do que está para ser encontrado em áreas puramente políticas ou filosóficas” (2001, p.127), isto porque agricultores e alguns manufatureiros “encontravam-se impedidos tanto pelo sistema de teoria mercantilista e paternalista, que era razoavelmente sistemático (embora em desintegração), quanto pelas restrições estatutárias” (2001, p.127), assim, segundo o autor, “um sistema gerou o outro, contrário e superior” (2001, p.127).

A terceira por desconsiderarem a contribuição dos cientistas naturais britânicos, compreendida em mais de três séculos. Thompson coloca que é absurda a afirmação de que “há uma mutilação incapacitadora no fracasso dos intelectuais britânicos em formar “um enclave intelectual independente” no interior do corpo político” (2001, p.120), para o autor, em vez disso, já no século XVIII “havam-se formado *dúzias* de enclaves intelectuais dispersos pela Inglaterra” (2001, p. 120), e que “muito do melhor de nossa cultura intelectual sempre veio” das “indistintas e longínquas regiões” (2001, p.120). E segundo Thompson, a negligência de Anderson-Nairn, deixa de compreender a “enorme importância dessa parcela de herança revolucionária que pode ser descrita, em sentindo secular, como a tradição da *dissidência*” (2001, p.121). Logo,

Pode-se concordar que uma tal tradição fosse incapaz de gerar um Marx, embora sem ela *O Capital* não pudesse ter sido escrito. Ela foi, todavia, capaz de gerar Darwin, e a importância com que esse momento ilumina a

vitalidade de certas tradições intelectuais ilumina também a cegueira fatal da crítica Anderson-Nairn ao empirismo. (2001, p.122)

Assim, para Thompson essa tradição se expressa em Darwin, sendo o resultado de três séculos de cientistas naturais britânicos, todavia, em questão de poucas décadas foram postos à disposição do público o que antes houveram sido vedados os acessos. Deste modo a crise que ocorreu fora pequena, e outras palavras porque Darwin dirigiu-se a um público protestante e pós-baconiano.

E a quarta por terem confundido o idioma empírico com uma ideologia, já na citação acima, visto como cegueira fatal a concepção Anderson-Nairn sobre o empirismo. Fato é que Thompson não consegue ver “de modo algum, o empirismo como uma *ideologia*. Anderson e Nairn confundiram um *idioma* intelectual, que por várias razões históricas tornou um hábito nacional com uma ideologia” (2001, p.129). Portanto, sua “objeção vai de encontro a transformar um momento de rebelião em uma interpretação da história. Eles dizem algo de verdade. O idioma não é sem importância” (2001, p.130), assim para Thompson este “idioma empírico pode favorecer resistências insulares e o oportunismo conceitual” (2001, p.130), como tem sustentando o realismo do romance inglês e as ciências naturais. Thompson assim expressa:

Mas Anderson e Nairn estão muito tristemente enganados se acham que, nesses últimos tempos, irão destronar o "empirismo" em nome de um sistema marxista auto-suficiente, independente de este sistema ter sido adornado com alguns neologismos. [...] Pois o que falta ao seu esquema é o controle dos “grandes fatos”, e é improvável a Inglaterra capitular ante um marxismo incapaz de ao menos entabular um diálogo com o idioma inglês. (2001, p.131)

Thompson finaliza a terceira parte de seu artigo deixa explicitamente claro sua discordância com as narrativas de Anderson-Nairn, e principalmente com a prática intelectual destes autores, assim como já citadas narrativas sobre a história inglesa.

Na quarta parte de seu artigo, Thompson aborda “as versões que Anderson e Nairn” oferecem em suas teses a respeito da história da classe trabalhadora britânica, e partir destas, o autor tece sua narrativa crítica a esses autores e suas versões. Thompson, portanto, seleciona “quatro áreas críticas de fraqueza apresentadas pelos dois autores” (2001, p.132), assim na primeira “denotam inabilidade em compreender o *contexto político* das ideias e escolhas”

(2001, p.132), na segunda, “sente-se a ausência de qualquer dimensão sociológica séria em suas análises” (2001, p.132), e na terceira, “há uma crucial vulgarização da noção gramsciana de “hegemonia”” (2001, p.132), e por fim, na “quarta, não revelam o menor discernimento sobre o movimento trabalhista” (2001, p.132).

O autor destaque nesse primeiro ponto a inabilidade dos dois autores em compreender o contexto político das ideias e escolhas. Inicia pontuando que o tema de argumentação de Anderson-Nairn, em que “a tragédia da nossa história foi o fato do marxismo ter passado em branco pela classe trabalhadora britânica” (2001, p.133), e que responsabilidade/culpa disto é devido a “insalubridade e conservadorismo sociológico dos sindicatos britânicos e sobre omissão dos intelectuais britânicos” (2001, p.133), e novamente critica o uso de modelos equivocados, pois “um modelo simples de objetividade-subjetividade é empregado. Por meio dele, os sindicalistas são vistos como cegos, práxis instintivas, e os intelectuais como a encarnação de uma consciência política articulada” (2001, p.133), destarte, “visto que faltava uma *intelligentsia* marxista, os trabalhadores ficaram sujeitos a uma corrente tributária da ideologia capitalista, o fabianismo” (2001, p.133-134), e que nesta lógica bastaria que os “Primeiros Marxistas Brancos” tivessem nascido mais cedo para o rumo ter sido diferente.

Para contestar esse modelo, o autor busca uma narrativa histórica contemplando a “tradição minoritária muito substantiva, associada à esquerda organizada, influenciando alguns dos principais sindicatos”, e que é possível segundo o autor, encontrar “uma sistemática formação marxista de base – SDF, Nclc, Partido Comunista” (2001, p.134). Thompson coloca ainda que a exagerada influência do fabianismo no Partido Trabalhista não ocorreu tal como Anderson descreve, e que deixando um pouco “de lado a influência direta do comunismo, a maior parte dos intelectuais com influência relevante no movimento trabalhista britânico entre 1920 e 1945 era tanto de reformadores sociais no interior de uma tradição liberal” (2001, p.134), quanto por “*marxisant* independente” e de “socialistas éticos”. Assim, Thompson afirma que contestando a narrativa de Anderson e Nairn, coloca que fizeram foi “pinçar uma impressão casual do conservadorismo sindical e da inércia intelectual dos últimos 15 anos para oferecer uma interpretação de uma centena de anos de história” (2001, p.134), e que se quisermos compreender de forma mais profunda esta história, não seria pelo no “estalar de dedos esquemáticos”, e sim, somente depois de pesquisas árduas.

Em seguida, Thompson adentra na história da esquerda britânica desde 1880, trazendo à baila questões importantes para sua narrativa, a fim de contrapor a versão de Anderson-Nair, que para o autor, em alguns pontos “a versão é, simplesmente, falsificada”, isto é, na afirmação de todos os grupos “liberais e fabianos – foram militantes imperialista em suas aspirações” (ANDERSON, 1964, p.35, apud, THOMPSON, 1965, p.136), que para Thompson, isto era a retalhar a história afim de impor um modelo.

O segundo ponto é visto pela ausência de dimensão sociológica nos textos de Anderson-Nairn, colocando que isso poderia ser visto por meio dos usos esquemático dos dois autores, isto é, do conceito de classe. Assim, uso do conceito de classe “é travestida com imagens antropomórficas. As classes têm atributo de identidade pessoal, vontade, metas de consciência e qualidades morais” (2001, p.140), porém para o autor está tem que ser compreendida tal como Marx usa, como “descrição metafórica de um processo mais complexo que acontece *sem* identidade”.

No terceiro ponto evidencia vulgarização da noção gramsciana de “hegemonia”. Thompson cita a narrativa do texto de Anderson sobre a classe “hegemônica” e a classe “corporativa”, porém afirma Thompson, que “Gramsci não escreveu sobre classes hegemônicas, mas sobre a hegemonia de uma classe” (2001, p.147). Coloca ainda que “o máximo que estamos habilitados a dizer é que uma classe subalterna pode apresentar uma hegemonia embrionária, ou exercê-la em áreas muito limitadas” (2001, p.149).

E o quarto e último ponto sobre não revelarem o menor discernimento sobre o movimento trabalhista. Thompson descreve construindo uma narrativa buscando demonstrar que a composição histórica de influências do movimento trabalhista pode ser evidenciada em vários momentos tanto por refugiados e trabalhadores imigrantes, como por intelectuais emigrados assim como o comunismo é parte inextricável a essa história do movimento trabalhista britânico. Thompson destaca os eventos dos últimos 50 anos, e como a própria nova esquerda surge a partir dessas influências. Portanto, “se os nossos autores deixarem suas revistas parisienses por um momento e se avistarem com a gente real do movimento operário, irão achar muitos deles um tanto sofisticado que os *simplici* conservadores de sua imaginação” (2001, p.153).

Thompson finaliza “As peculiaridades dos ingleses” com a quinta parte “nossa cultura intelectual”, o autor retoma num exercício didático as cinco questões acerca do uso do modelo, colocando em contraste com as formas como Anderson e Nairn se utilizaram do modelo francês. Assim essas questões (2001, p.155) são: a primeira no “modo correto de emprego de *qualquer* modelo”; a segunda referente a “metáfora da base e superestrutura”; terceira na “dificuldade na costumeira representação do processo “econômico”; na quarta pelo uso do “conceito de classe”; e a quinta questão compreendida nos “problemas levantados por um modelo teleológico com vocação para questões de poder”.

Na primeira questão, Thompson coloca que o “modelo é uma metáfora do processo histórico”, e que a história não torna história até que haja um modelo, assim trata de como utilizar um modelo com propriedade e a isso possa ser compreendido também “por um delicado equilíbrio entre procedimentos sintetizadores e os empíricos, uma disputa entre modelo e realidade”<sup>30</sup>.

A segunda questão coloca “um dos pontos cruciais da questão deveria ser na inadequação do modelo de base e superestrutura” que na metáfora marxista da relação entre ser social e consciência social o “modelo tem, de fato, uma tendência embutida ao *reducionismo*” (2001, p.159), e portanto quando numa “relação causal, se estabelece “entre esses eventos (na “superestrutura”) com um certa configuração de interesses de classe (na “base”), então se pensa que exigências de explanação históricas” seriam satisfatórias para expressas essas ideias/eventos “como burgueses, pequeno-burguês, proletário” (2001, p.159), o erro do reducionismo consiste “sugerir que as ideias ou eventos são, em essência o mesmo que o contexto casual; que ideias, crenças religiosas ou trabalhos de arte pode ser reduzido (como reduz uma equação complexa) aos “reais” interesses de classe que expressam” (2001, p.159).

Na terceira, compreendida pela “dificuldade na costumeira representação do processo “econômico”, o autor levanta várias questões a respeito dessa questão, mas em resumo podemos detalha-la em dois pontos, sendo o primeiro visto no curso real das análises tanto históricas ou sociológicas “(bem como políticas), e é de grande importância lembrar os fenômenos sociais e culturais não corre atrás dos econômicos após longa demora; estão, na sua origem, imersos no mesmo nexo

---

<sup>30</sup> Isso vista as cartas de Darwin e Marx, (1965, p.156)

relacional” (2001, p.167), e o segundo ponto na ”forma de oposição ao capitalismo se constrói sobre o antagonismo econômico direto – resistência a exploração, seja como produtor, seja como consumidor” (2001, p.167) e a outra forma compreendida na “resistência à tendência inata ao capitalismo a reduzir todas as relações humanas as definições econômicas” (2001, p.167).

A quarta pelo uso do conceito de classe, assim Thompson destaca o uso feitas por Anderson e Nairn, e que segundo o autor (2001, p.168), “a classe que, por séculos inteiros são recrutadas, enviadas para manobras, marchando de cima para baixo por países inteiros, ostentam pouquíssima reação com as pessoas reais reveladas pelos arquivos”. Portanto, para Thompson (2001, p.168) a “classe é uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressões institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas em termos de relação com outras classes”, e que os usos e definições destas só pode ser feitas através do tempo. Podemos neste ponto lembrar o uso dos conceitos estudados por Antoine Prost, já citados aqui anteriormente, o autor nos explica sobre os problemas que ocorrem na utilização equivocada, como tal aplicação pode moldar mentalidades e costumes não pertencentes uma época.

E a quinta sobre problemas levantados por um modelo teleológico com vocação para questões de poder, que nem todos os fenômenos humanos podem ser compreendidos pelas categorias de poder ou classe. Logo, o autor coloca que “a ambição – poder da classe trabalhadora – está sempre lá, em algum lugar adiante, e a história – especialmente a da classe trabalhadora é avaliada somente em termos de obtenção deste objetivo” (2001, p.171). Por ser esta – segundo o autor – uma questão um tanto ampla, este faz três comentários acerca desta. Primeiro que a história não poderia ser vista como um túnel, segundo o autor, onde um trem percorre seu caminho levando sua carga até planícies ensolaradas, visto que mesmo nos períodos onde algumas alterações pequenas não afetam o poder, mas mudam mesmo inexpressiva ou expressiva a realidades dos que sofrem essas alterações. O segundo comentário é de como o modelo “parecer varrer impacientemente para longe experiências e problemas sociais aparentemente muito pouco afetados pelo contexto do poder de classe” (2001, p.172). E o terceiro comentário, que é precisamente sobre a tradição marxista e como esta “não ofereceu defesas muito efetivas contra uma obsessão pouco saudável pelo poder, tanto em termos intelectuais, na assimilação de todos os fenômenos a toscos



assessórios de classe, quanto formas mais ‘objetivas’”(2001, p173). Para Thompson soa estridente a forma qual Anderson-Nairn usam a “classe” para impor/moldar fenômenos culturais a categorias que são classistas, há assim, uma enorme e impiedosa recusa a experiência inglesa, contudo, Thompson diz:

Há homens que ouviram *este* tom nos últimos 50 anos e que recuaram para uma obscuridade, de fato, profunda. Foi contra este tom- este som de uma tranca encerrando uma experiência e a investigação (e o eco mais remoto de ferrolhos ainda mais objetivos) – que uns poucos dentre nós pilotamos nossas copiadoras em 1956. Se é este lugar em que estamos em 1965, então o gafanhoto comeu nove anos. Mas se assim fosse e se houvesse algum perigo de esse tom ser confundido com a voz do humanismo socialista, então se chegar a isso, alguns de nós guarneceremos as posições de 1956 uma vez mais. (2001, p.173)

Com esta narrativa um tanto expressiva Thompson sela a disputa entre narrativas histórica e pela prática intelectual que esta evocada em seu artigo, define também seu lugar social e o significado de transição de geração da *New Left* britânica. Torna tácito neste sentido, a necessidade que seu artigo se portava.

No próximo texto, abordarei os argumentos de Anderson, visto que o autor publicou “Socialism and Pseudo-Empiricism”, em resposta aos “Peculiarities” de Thompson.

### 3.3 SOCIALISM AND PSEUDO-EMPIRICISM (1966)

A resposta<sup>31</sup> à Thompson vem num argumento, como o próprio Anderson expressa “longo e complexo”, haja vista que para o autor era algo tácito, visto que a contra-argumentativa do texto de Thompson, era para Anderson, compreendida por inúmeras acusações em tantos níveis diferentes contra suas teses (Anderson-Nairn).

No início do artigo parece-se haver no autor uma incompreensão as causas que deram origem ao artigo “Peculiaridades”, pois “nenhum oponente da direita jamais despertou essa fixidez de paixão e rancor” (1966, p.1). No entanto, para Anderson os argumentos de Thompson é uma investida travestida na defesa do “empirismo”, e que, segundo o autor,

---

<sup>31</sup> Uso o artigo original publicado por P. Anderson, todas as citações longas e alguns termos preferi usar o texto original, e as citações curtas são traduções livres minhas.

Nothing could be less empiricist than the treatment he accords them. The whole structure of his essay is, in fact, built on a sequence of fundamental distortions of what we have written. Some of these derive from simple blunders, others—less excusably—from reckless falsification. Together they form a coherent, intelligible pattern which it will be one of the purposes of this reply to try to explain. For a misunderstanding on the scale involved here is unlikely to be a mere personal aberration. (1966, p.2)

Anderson coloca que a narrativa de Thompson distorce o que ele e Nairn escreveram em suas teses, qualifica isso como uma clara tentativa de caricaturar “o *status*, a *substância*, o *caráter* e o *propósito*” de tais teses, portanto são estes os quatro pontos que Anderson desenvolve sua narrativa, logo, e do todo modo, são nestes que entrava-se a disputar a defesa de sua narrativa. E não esquecendo quando tratou “Populismo”, ao qual coloca que “há um contraste surpreendente em Thompson como um intelectual socialista, entre o brilho e a riqueza de sua imaginação como historiador e a pobreza e abstração de sua inteligência como analista político” (1966, p.33-34).

Para tanto utilizarei o esquema e resumo do próprio Anderson. De forma bastante resumida, poderemos compreender as argumentativas de Anderson, logo, assim segue: “o *status*, a *substância*, o *caráter* e o *propósito*”.

Sobre o “status”, coloca que a narrativa de Thompson sobre os “esquematismos”, seus e de Nairn, eram baseados numa tentativa de deturpar o que os próprios ensaios haviam se proposto, e que nesse sentido o status de seus trabalhos eram: “which were explicitly abbreviated and provisional hypotheses”, logo, para Anderson, este era o propósito das teses, abreviadas e inconclusas hipóteses, apenas para “iniciar a discussão no ponto em que deveria começar corretamente”.

Das “substancias”, Anderson destaca três questões acerca das “críticas substanciais de Thompson”, e essas são compreendidas nessas questões e seus destaques.

Nessa primeira questão das “substancias” o autor faz dois destaques, o primeiro colocando que a “acusação” de Thompson sobre eles terem ignorado “a natureza capitalista da classe proprietária nos séculos XVII e XVIII” (1966, p.40) é uma acusação falsa, isto é, sobre a “visão da evolução da classe governamental inglesa nos séculos XVII e XVIII”, a esta Anderson coloca que essa visão foi representada de forma equivocada, pois,

We never denied that the landowners constituted a capitalist class. In actual fact, the exact opposite is true: we not only did not deny it, we made it the very pivot of our whole interpretation of the transition from the distinctive 18th century to the distinctive 19th century dominant bloc, and of the emergence of the characteristic power structure of modern Britain! (1966, p.6)

Ou seja, que sua concepção sobre a classe capitalista compreendia os proprietários de terra, e que jamais haviam negado isso. E o segundo destaque compreendo na também “acusação” que contrariam as sugestões de Anderson-Nairn acerca de que a “burguesia industrial exerceu a ascendência política na Grã-Bretanha a partir de meados do século XIX, é apoiada por evidências muito fracas e não fornece explicação para o caráter atual do capitalismo britânico” (1966, p.40), e a esta Anderson responde com uma citação de “*Origins*” em que estabelece na sua narrativa a evidencia que explica o caráter do atual capitalismo.

Na segunda questão, Anderson faz quatro afirmações contra a argumentativa da narrativa de Thompson. A primeira de que Thompson confunde “as questões separadas da cultura burguesa e da teoria política no século XIX” (1966, p.40), a segunda eles subestimaram “a importância da religião protestante como contribuição burguesa para a cultura inglesa”, a terceira em que trata o “tributo de Thompson a Darwin, como prova da vitalidade da cultura burguesa inglesa” (1966,p.40) entende que isso “simplifica a questão do caráter social da ciência natural, ao mesmo tempo que ignora o fenômeno manifestamente "social" do darwinismo social - uma ideologia burguesa tardia e decadente, que teve um desastroso efeito sobre o próprio marxismo” (1966, p.40), e por último sobre como Thompson proclama a economia política como “uma grande ideologia articulada, mas suas limitações, tanto como disciplina especializada quanto como teoria reificada, são passadas” (1966, p.40).

Na terceira questão e última questão, destaca quatro pontos: a primeira quanto ao certo Thompson quando fez a crítica de que omitiram “toda menção ao Partido Comunista em nossa conta do movimento trabalhista do século XX”; a segunda pelo exagero que compreende a proporção dessa influência; a terceira é de que isso é “relacionado com a descoberta súbita de uma grande tradição marxista na Grã-Bretanha - algo que ele especificamente negou alguns anos antes” (1966, p.40); e quarta por sua pouca compreensão “sobre o tema do marxismo é devastadoramente demonstrada por sua ignorância de Gramsci” (1966, p.40).

Quanto ao caráter das teses Anderson-Nairn, Anderson coloca que Thompson não compreendeu que estas eram “idealista”, e não economistas, portanto, “a razão de seu erro é a sua falta de familiaridade com o marxismo europeu desde a Primeira Guerra Mundial. O "reducionismo" que ele ataca não é um viés epistemológico” (1966, p.40) e sim uma “necessidade metodológica - de compressão” (1966, p.40).

E quanto ao propósito dessas teses, Anderson faz dois destaques: primeiro que este poderia ser percebido pelo objetivo de ajudar a compreender o presente, e que para o autor, Thompson não consegue se envolver com os pontos o todo do “propósito” (1966, p.41) dessas teses a respeito da sociedade inglesa contemporânea; e o segundo destaque, compreendido pelas críticas “permanecerem profundamente acadêmicas, no mau sentido. Foi o típico divórcio à esquerda entre a historiografia do passado e o impressionismo no presente”, e que neste não compreende a proposta de “tentar uma teoria integrada da sociedade britânica, passada e presente - por mais provisória que possa ser inicialmente” (1966, p.41).

Assim, para responder a narrativa dos argumentos de Thompson, Anderson tenta “desenvolve teses independentes”, por fim apresenta-as de forma resumidas dividindo-as em três.

A primeira acerca da noção de uma revolução burguesa "histórica" na Grã-Bretanha, isto é, que se estende do século 12 ao 19, e que esta é uma hipótese problemática. Para o autor isso implica numa visão equivocada de que “capitalismo” e “socialismo” só podem ser introduzidos o primeiro por uma burguesia clássica e o segundo por um proletariado industrial. Logo, para Anderson, a história deve ser interpretada por algo que “permite vários agentes possíveis para um único processo” (2001, p.41), que é o que segundo Anderson, Ernest Bloch chama de “aperity”. Portanto, nessa interpretação para Anderson, “restaura a guerra civil ao seu papel fundamental na história moderna, sem caracterizá-la grosseiramente como uma "revolução burguesa"” (1966, p.41).

Em seguida, acerca a burguesia industrial do século XIX, e que a melhor evidência para a “visão de que esta era incapaz de produzir uma visão criativa total do mundo - em oposição às disciplinas setoriais - é proporcionada pelo duplo fracasso único da cultura inglesa moderna para produzir uma clássica sociologia ou um marxismo nacional” (1966, p.41). Anderson coloca que isso é um problema crucial para os socialistas, pois as “condições sócio-políticas em que se formou a

ideologia da classe trabalhadora”, condições estas discutidas nos seus primeiros ensaios, pode ser compreendida pela “ausência de qualquer sociologia - que é a grande conquista do pensamento social burguês no final do século XIX e início do século XX” (1966, p.41), isto é, na Grã-Bretanha.

E a terceira, trata do caráter do marxismo da Europa Ocidental, e como que este “desde 1918 tem sido seu co-emergência e colóquio com várias correntes de idealismo: Dilthey, Croce, Husserl, etc. O mesmo padrão provavelmente será repetido na Grã-Bretanha” (1966, p.41). Assim como a disputa por “um "anglo-marxismo finalmente surgiu. A pré-condição para uma transcendência desta dialética é a reunificação da teoria e da prática em um movimento socialista de massa” (1966, p.41).

Anderson ao finalizar seu artigo, coloca que mesmo discordando das questões ao qual fez “Thompson: caricaturas, interpretações erradas, distorções, invenções”, ainda sim, “As peculiaridades dos ingleses” deve ser bem-vinda. Haja vista que para o autor “um debate sobre a trajetória total da sociedade britânica moderna foi inaugurado” (1966, p.41), segundo Anderson, todos devem se beneficiar deste debate. Pois,

We must be able to ensure that by recognizing our differences—publicly and passionately—we are, in fact, creating better conditions for a new release of energy, a new phase in our struggle against the common enemy. Thompson’s stature as a great historian is not in question. (1966, p.42)

Anderson encerra nos mostrando um dos tons que estabeleceu essa polêmica historiográfica, fica bastante nítida que para além da disputa entre narrativa e pela prática intelectual, há também um claro processo de transição de geração, e estas implicações se desenvolvem tanto em uma quanto em outra.

O próximo texto é uma nota que Thompson desenvolveu sobre “As peculiaridades dos ingleses”, nela esboça alguns pontos para compreender o “fim”<sup>32</sup> deste primeiro debate.

### 3.4 A NOTE ON THE TEXTS

Neste pequeno texto, Thompson trata de fazer uma “nota” contextualizando de forma bastante simplificada a polêmica em que se envolveu.

---

<sup>32</sup> No primeiro capítulo podemos por meio do estudo de Dalaqua, perceber como esse debate refletiu e influenciou as produções de Anderson e Thompson.

Inicia explicando como seu ensaio – “As peculiaridades dos ingleses” – provocou, segundo autor, “uma longa réplica” de Perry Anderson.

Portanto, para Thompson, “Socialism and pseudo-empirismo”, pode ser compreendido em duas partes. A primeira pela “apaixonada refutação” de cada uma de suas críticas, assim, destaca três pontos importantes: concorda que não são adequadas – nem as suas e nem as Anderson – as caracterizações teóricas da revolução burguesa do século XVII. Coloca que em que pese poder verdade que seu modo de entender a “hegemonia” de Gramsci seja inadequado, ainda que os problemas aos quais houvessem discutido ainda permanecem sejam quais forem as leituras que se for fazer de Gramsci. E o terceiro ponto, expressa que “no meu próprio ensaio, emprego, o termo “modelo” (como Anderson indica de passagem) de um modo que, agora, rejeitaria” (THOMPSON, 2001, 184) e que, no entanto, esses “modelos” implícitos podem ser detectados em Anderson-Nairn e demais escritos marxistas.

E a segunda parte, num contra-ataque dirigido ao “vazio” e ao “populismo” de suas ideias, que para Thompson estava dividido em duas questões: “a existência de alguma tradição marxista anterior a Anderson, o caráter e as fraques dessa tradição; segundo a questão do socialismo populista e da política da primeira Nova Esquerda” (2001, p.184), e essas questões, Thompson coloca que a primeira será tratada na “Miséria da Teoria”, e a segunda no volume da “Reasoning”.

No entanto, para o autor ainda que nesse número da *NLR* (“Storm over the left”), tivesse anunciado uma continuidade na discussão, para Thompson, esta é uma discussão que já nasceu morta, isto devido a “ninguém” ter aparecido na defesa das suas ideias, visto que as ideias/teses de Anderson-Nairn tornaram-se ortodoxia incontestada da *NLR*. Assim, destaca que não respondeu a Anderson, primeiro porque os aliados políticos de Thompson compreendiam como agressor nessa polêmica que era incompreensível e diversionista dentro da esquerda, embora Thompson expressa que não vê deste modo, e que se há alguma agressão esta pode ser também vista no ato de terem “excluídos” da revista seus fundadores. E segundo, não respondeu por que não viu no artigo de Anderson novas questões significativas.

Desta maneira, o caráter historiográfico-político deste debate se “encerra” com esta nota, Thompson qualifica esse sentido ao na polêmica destacar que há de

fato uma disputa entre narrativas, práticas intelectuais, transições da *NLR*, grupos de historiadores, conceitos, lugares sociais.

### 3.5 A PRÁTICA, SEU DISCURSO E SUA RELAÇÃO

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do, idiotismo: meu patoá representa minha relação com um lugar. (CERTEAU, 1985, p.65)

E são estas particularidades indeláveis que possibilitaram localizar estes dois historiadores ingleses, contidas no seu *lugar social*, nas suas *práticas*, e principalmente suas *escritas*, e a relação desta como o resultado, e, portanto, pudemos compreender a produção historiográfica desses autores e a disputa entre narrativas histórica e pela prática intelectual.

Anderson já no início de “Origins” crítica a falta de análises estruturais acerca da história britânica, assim como lacunas de períodos inexplorados da história inglesa, como também a falta de um estudo estrutural, como podemos ver:

We must be unique among advanced industrial nations in having not one single structural study of our society today; but this stupefying absence follows logically from the complete lack of any serious global history of British society in the 20th century. The limits of our sociology reflect the nervelessness of our historiography. Marxist historians, whose mature works are only now beginning to emerge and consolidate each other, have so far nearly all confined themselves to the heroic periods of English history, the 17th and early 19th centuries: most of the 18th and all of the 20th remain unexplored. Thus no attempt has ever been made at even the outline of a ‘totalizing’ history of modern British society. (ANDERSON, 1965, p.27)

Podemos perceber habilmente isto como uma disputa entre narrativa histórica, e como no discurso histórico este faz audacioso esforço em compreender a conjuntura social e política em que a sociedade britânica estava inserida a partir de uma análise estrutural. Assim, este autor discute conceitos de classe, hegemonia, burguesia, revolução burguesa, estrutura de classe, entre outros. Isto foi exposto durante a apresentação dos artigos de Anderson como vimos.

Thompson entra nesse embate, e ao fazer isto produz o “Peculiarities”, além de se opor ao modelo estruturalista francês empregado por Anderson, também enuncia a disputa pela prática intelectual destes historiadores ingleses:

Todos ramais secundários não econômicos e desvios socioculturais da *New Left*, que estavam, de resto, recebendo cada vez menos tráfego, foram abruptamente desativados. As principais linhas da revista sofreram uma modernização igualmente brusca. As marias-fumaças da Velha Esquerda foram varridas dos trilhos, as paradas marginais (“Compromisso”, “Qual o futuro da CND<sup>33</sup>?”, “Mulheres apaixonadas”) foram fechadas, e as linhas, eletrificadas para o tráfego expresso da Rive Gauche marxistencialista. Em menos de um ano, os fundadores da revista descobriram, para seu pesar, que o conselho vivia em um ramal que, após rigoroso balanço intelectual, foi considerado deficitário. Percebendo-nos supérfluos, colocamos nossos cargos à disposição. (THOMPSON, 2001,p.76)

Esta decisão da nova linha editorial, dos temas e tendências, as escolhas de editores, deve ser compreendida por uma decisão política confessada nas ações de Anderson após assumir a direção da *NLR*. Logo, após três anos da posse da nova direção, Thompson se propôs a examinar a “tendência geral da “nova” *New Left*” (THOMPSON, 2001, p.76), e assim centrou-se em duas: “definições (geralmente evasivas) da teoria marxista e o ambicioso trabalho de “análise da história e estrutura social britânica”, iniciado por meio de uma série de artigos de Anderson e Tom Nairn” (2001, p.76). Ao entrar nesse embate vai nas “origens do capitalismo inglês”, assim nos “traz” as peculiaridades dos ingleses. Reflete sobre os modelos como metáfora do processo histórico, e destaca como a história não se torna história até que haja um modelo. E na defesa de uma *dialética humana* expressa:

O problema é encontrar um modelo para o processo social que permita a autonomia à consciência social num contexto em que, em última instância, foi sempre determinada pelo ser social. Pode algum modelo abarcar a dialética humana singular pela qual a história não aparece de maneira voluntariosa ou fortuita, nem *determinada* (no sentido de ser enquadrada por leis necessárias do movimento), nem ilógica (no sentido de observar uma *lógica* no processo social)? (2001, p.161)

Assim, Thompson se opôs às características teleológicas do modelo de Anderson-Nairn, e numa defesa humanista produz uma metáfora formidável ao comparar a história – que ele contesta que deva ser assim – a um túnel escuro por onde um trem passa, como vemos:

[...] a história não pode ser comparada a um túnel por onde um trem expresso corre até levar sua carga de passageiros em direção a planícies

---

<sup>33</sup> CND é a sigla do movimento Campaign for Nuclear Disarmament, ao qual Thompson era intergrante.



ensolaradas. Ou então, caso seja, gerações após gerações de passageiros nascem, vivem na escuridão e, enquanto o trem ainda está no interior do túnel, aí também morrem. Um historiador deve estar decididamente interessado, muito além do permitido pelos teleologistas, na qualidade de vida, nos sofrimentos e satisfações daqueles que vivem e morrem em tempo não redimido. (2001, p. 171-172)

Este é um dos vários momentos de seu artigo em que expõe sua defesa a uma narrativa que valorize as ações do sujeito no discurso histórico. No decorrer desse capítulo foram apresentados os argumentos de Thompson e Anderson, esta é uma disputa entre narrativa que se desenvolve acerca da história da sociedade britânica, portanto estas se opõem e diverge-se em diversos momentos, assim são narrativas e prática intelectual que são disputadas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, isto é, no desenvolver deste estudo, no qual se foi proposto fazer uma operação historiográfica da controvérsia Thompson-Anderson, podemos perceber como as disputas entre narrativas históricas evidenciam e fornecem significado ao primeiro debate dos dois historiadores. Contudo, e neste sentido ao fazer isto dentro dessa temática “história da historiografia britânica”, em que este primeiro debate está inserido, mais do que a realização de um estudo ou de uma escrita da história, constituiu-se como um dos exercícios de compreender as contribuições do legado deste debate a partir das lentes fornecidas por Certeau e Prost.

Portanto, pôde-se compreender o *lugar social*, a *prática*, a *escrita* e os usos de *conceitos* desses autores. Logo, na contextualização que foi feita de tais elementos que constituem as produções do primeiro debate de E.P Thompson e P. Anderson, percorremos o *lugar social* e *prática* desses historiadores, assim fomos da crise do marxismo europeu à formação da *New Left* britânica, e deste modo foi possível perceber como o termo “transição” compôs um dos principais elementos que possibilitou entender essa controvérsia. Em que pese essa disputa entre narrativas ocorre muito por conta dessa transição, assim como a prática intelectual é fortemente disputada no uso dos conceitos e modelos que são usados pelos autores para narrar a história britânica.

Destarte, a transição não se estende apenas dentro da *New Left* britânica, portanto, está também presente no momento de formação da *New Left*, isto é, como destacamos no primeiro capítulo a *New Left Review* surgiu segundo Hall, composta por duas revistas/tradições. Ou seja, da crise do marxismo europeu à formação da *New Left* britânica há uma transição de autonomia dos intelectuais partidários ao modo de organização dessa esquerda intelectual, e na transição da *primeira* para *segunda* geração da *New Left* podemos perceber o que Dalaqua destacou como dimensões dessa transição. Isto já foi exposto anteriormente, para a autora essa foi uma transição composta pelas dimensões de: transição política; transição de geração; e transição teórica. Estas são compreendidas seja nas mudanças da composição do quadro editorial e das novas áreas de tendências da revista a partir

do momento que Anderson assume a direção da *NLR*; a *generation gap*<sup>34</sup> compreendida na experiência dos membros da primeira geração com a Segunda Guerra Mundial e a relação com o PCGB; e também pela introdução das ideias e conceitos de Althusser e Gramsci ao marxismo britânico.

Deste modo, estes dois historiadores são localizáveis, foram situados no seu *lugar social*, nas suas *práticas*, e principalmente suas *escritas*, e na relação disto pudemos compreender a produção historiográfica desses autores. A disputa entre narrativas nos artigos de Thompson e Anderson evidenciaram uma disputa também pela prática intelectual. Oras, se em “Origins” Anderson crítica a falta de análises estruturais acerca da história britânica, e em “Peculiarities” Thompson se opõe ao modelo estruturalista francês empregado por Anderson, isto enuncia a diferença da prática intelectual destes historiadores ingleses, confessada já na escolha política das novas tendências da linha editorial organizadas após Anderson assumir a direção da *NLR*.

De todo modo, os artigos P. Anderson apresentam uma historiografia diferencial e totalizante da sociedade britânica, isto numa perspectiva estruturalista ao qual abordou a história da sociedade capitalista britânica e sua estrutura de classe. Nessa polêmica discutiu conceitos importantes, propiciou reflexões que são caras a todo historiador que se dedique a estudar a luta classes.

E Thompson, ao entrar nesse embate vai nas “origens do capitalismo inglês”, assim nos “traz” as peculiaridades dos ingleses. Reflete sobre os modelos como metáfora do processo histórico, e destaca como a história não se torna história até que haja um modelo. E na defesa de uma *dialética humana* na qual a história não apareça de forma voluntariosa nem fortuita, nem determinada, Thompson se opõe às características teleológicas do modelo de Anderson-Nairn, e assim produziu uma metáfora formidável ao dizer que a história não pode ser comparada a um túnel escuro por onde um trem passa em direção a planícies ensolaradas, em que gerações de passageiros nascem e vivem na escuridão, até que o trem alcance estas planícies, pois para o autor um historiador deve estar decididamente interessado “na qualidade de vida, no sofrimento e satisfações daqueles que vivem e morrem nesse tempo não redimido” (THOMPSON, 2001, 171-172).

Logo, neste sentido é uma disputa entre narrativa porque no momento

---

<sup>34</sup> Termo usado para diferenciar o vácuo que há entre gerações e como certas experiências de guerra nesse caso não se transmite.

que a prática intelectual desses autores produz narrativas que se contrapõem nesse momento o embate constrói diferentes narrativas sobre uma história que só existe de forma narrada. E se o historiador é um ser que vive, pensa, fala, influencia e escreve a partir de relações sociais, culturais, políticas, e principalmente linguística, nós enquanto historiadores permaneceremos sempre nessa disputa entre narrativas.

Esse Primeiro Debate de Thompson-Anderson ofereceu e continuará a oferecer diversas análises e formas metodológico-teóricas de se estudar. Espero que de alguma maneira essa monografia possa contribuir junto a outros estudos já realizados na gama de materiais sobre E.P. Thompson e P. Anderson.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Munís Pedro. **Teoria, prática e limite na “operação histórica” de Certeau**. Publicado em 12 março 2013. In: Tempos Safados: contemporaneidades e humanas em geral. Disponível em: <<http://tempossafados.blogspot.com.br/2013/03/teoria-pratica-e-limite-na-operacao.html>>.

ANDERSON, Perry. **Arguments within English Marxism**. London: New Left Books, 1980

\_\_\_\_\_, Perry. **Origins of the present crisis**. In: New Left Review, 1/23, January-February.1964.

\_\_\_\_\_, Perry. **Socialism and Pseudo-Empiricism**. In: New Left Review, 1/35, March-April.1966.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história/Michel de Certeau**; tradução de Maria de Lourdes Menezes;\*revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CODY, David. **Corn Laws**. 1987. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/history/hist5.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

CORSI, F. L. **Notas sobre a crise do marxismo**. In: Temáticas, Campinas, v. 2, n. 4, p. 01-21, 1994.

DALAQUA, Renata H. **O debate no interior da New Left britânica: o significado da controvérsia entre Perry Anderson e E. P. Thompson**. História Social. Revista de Pós-Graduandos em História da Unicamp. n. 16, p. 209-224, primeiro semestre de 2009.

DURHAM UNIVERSITY. **2008/09 IAS Being Human Fellows: Professor Tom Nairn**. 2008/2009. Disponível em: <<https://www.dur.ac.uk/ias/fellows/0809fellows/nairn/>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

DWORKIN, Dennis. E. P. **Thompson: Historiador Militante, Militante Historiador**. Tradução de Aparecida Darc de Souza e Rinaldo José Varussa. História e Perspectivas, Urbelandia, n., p.91-113, jan/jun, 2014. Semestral.

FREIJOMIL, Andrés,G. **Perry Anderson [1938]**. 2013. Disponível em: <<https://introduccionalahistoriajvg.wordpress.com/2013/04/21/perry-anderson-1938/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

Hall, Stuart. **Vida e época da primeira New Left**. Tradução: de Lucas Amaral de Oliveira e Wesley Estradiote Rodrigues, PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.21.2, 2014, p.214-234. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2014.97221>>

LORENZANO, Modesto; BLAJ, Participação de Ilana; BORGES, Vavy Pacheco (Comp.). **ENTREVISTAS: PERRY ANDERSON**. Projeto História: REVISTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS DE HISTÓRIA, São Paulo, v. 3, p.55-71, dez. 1984. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12496/9065>>. Acesso em: 13 out. 2017.

NAIRN, Tom. **The English Working Class**. In: New Left Review, 1/24, March-April.1964.

\_\_\_\_\_, Tom. **The British Political Elite**. In: New Left Review 1/23, January-February.1964.

\_\_\_\_\_, Tom. **The Nature of the Labour Party (Part I)**. In: New Left Review 1/27, September-October.1964.

\_\_\_\_\_, Tom. **The Nature of the Labour Party (Part II)**. In: New Left Review 1/28, November-December.1964.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Tradução de Guilherme de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RENTON, David. **Opening the Books: the Personal Papers of Dona Torr**. History Workshop Journal. Oxford, p. 236-245. 1 set. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/hwj/2001.52.236>>. Acesso em: 02 out. 2017.

SOARES, Fabrício Antônio Antunes. **A construção narrativa dos conceitos de estrutura e sujeito na obra A Miséria da Teoria de E. P. Thompson**. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses**. In: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Org.) As peculiaridades dos ingleses e outros artigos / E. P. Thompson. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 2001. p. 75-179.

\_\_\_\_\_, E. P. **Notas sobre “As peculiaridades dos ingleses”**. In: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Org.) As peculiaridades dos ingleses e outros artigos / E. P. Thompson. Campinas (SP): Ed. da Unicamp, 2001. p. 181-183.

\_\_\_\_\_, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1987.

\_\_\_\_\_, E. P. . **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.

YOUNG, David Murray. **People, place and party: the social democratic federation 1884-1911**. 2003. 323 f. Tese (Degree of Doctor of Philosophy) - Doutor em Filosofia, Departamento Politics, University of Durham, Durham, 2003. Disponível em:< [http://etheses.dur.ac.uk/3081/1/3081\\_1106.pdf?UkUDh:CyT](http://etheses.dur.ac.uk/3081/1/3081_1106.pdf?UkUDh:CyT)> Acesso. em: 05 dez. 2017.